UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

Pedro Henrique da Silva Alves

***THINK TANKS*: UM INSTRUMENTO OFENSIVO ESTADUNIDENSE CONTRA A INFLUÊNCIA CHINESA NA AMÉRICA LATINA**

Marília
2024

Pedro Henrique da Silva Alves

***THINK TANKS*: UM INSTRUMENTO OFENSIVO ESTADUNIDENSE CONTRA A INFLUÊNCIA CHINESA NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires

Marília
2024

A474t

Alves, Pedro Henrique da Silva

THINK TANKS : UM INSTRUMENTO OFENSIVO ESTADUNIDENSE CONTRA A INFLUÊNCIA CHINESA NA AMÉRICA LATINA / Pedro Henrique da Silva Alves. -- Marília, 2025

61 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Marcos Cordeiro Pires

1. think tanks. 2. Estados Unidos. 3. China. 4. hegemonia. 5. América Latina. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

Pedro Henrique da Silva Alves

***THINK TANKS*: UM INSTRUMENTO OFENSIVO ESTADUNIDENSE CONTRA A INFLUÊNCIA CHINESA NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Cordeiro Pires
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Mestre Theo Peixoto Scudellari
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Mestre. Nicole Fassio Mahlow
UNESP – Câmpus de Marília

Marília, 16 de dezembro de 2024

Àqueles que me criaram, que me educaram, que riram nos melhores momentos, e choraram nos piores. Enfim, dedico a todos que me amaram.

AGRADECIMENTOS

Acima de todas as coisas agradeço a Deus pela oportunidade de viver tudo até aqui. Desde a minha geração até o prazer de conviver com aqueles que serão agradecidos em seguida. Todas essas coisas foram proporcionadas sem qualquer merecimento meu. Toda honra e Glória a Deus.

Aos meus pais, progenitores de minha pessoa, lhes dedico não apenas este trabalho, mas todas as conquistas até aqui, e todas as que virão em seguir. Adriana Flávia da Silva Alves veio para esse mundo com muitas qualidades, mas a maior de todas foi ser a melhor mãe que podia ser, e que eu precisava. Agradeço pelos ensinamentos, desde como ser um profissional excepcional até como a vida deve ser vivida, de forma leve e com viagens recorrentes. Luís Paulo Lima Alves é o homem que me ensinou a ser um bom homem, desde o princípio foi exemplo quase que intocável de pai e pessoa, agradeço as aulas de como as pessoas merecem um sorriso e como isso pode mudar a vida de cada um. Não à toa, a minha personalidade é apenas um dos galhos provenientes da árvore criada por esses dois. O vento pode balançar das folhas ao caule, mas com uma boa raiz, nos mantemos fortes e aterrados.

A minha família agradeço por cada ajuntamento, palavra de conforto, carinho e ensinamentos. Mais especificamente devo os agradecimentos à minha avó, Maria Aparecida, que me criou como filho. À minha irmã, Ana Julia da Silva Alves, que sempre será a minha melhor amiga. E a minha prima, Milena Oliveira, que sempre será a minha irmã mais velha e primeira amiga da vida. Aos meus tios e primos agradeço de forma conjunta, pois o sangue do meu sangue sempre estará em minha memória como bons momentos regados a churrasco e boa música.

Aos amigos, que deixei em São Paulo, e por muitas vezes pensei que minha ausência poderia ser confundida com indiferença, agradeço por serem um alento a minha alma, mesmo em momentos que estive distantes. A Murilo Guerra, Julia Matias, Gabriel Dantas, João Pedro

Capelo, João Pedro Andrade, Lucas Pires, Marcos Alves Borges, Henrique Belopede, Vinicius Cipullo, Giovana Graciola, Isabelly Oliveira e Luiz Felipe Oliveira ficam os meus agradecimentos por se fazerem presentes, mesmo a 400 km de distância, cada risada, cada conversa e cada conselho estarão para sempre em meu coração. Há quem diga que família não se escolhe, mas durante a criancice e adolescência eu tive o privilégio de ser escolhido por cada um.

Aos amigos da faculdade agradeço a possibilidade de atrelar esta jornada a vocês. Não há sequer uma fala problemática sobre Marília, pois esta sempre será a cidade que me apresentou cada um dos senhores. À João Paulo Eichenberguer, Giovanna Degrossi, Mahara Tirones, Giulia Neves e João Marcelo Silva eu agradeço, pois foi o amor de vocês que permitiu com que eu pudesse sentir Marília como minha casa. A distância ocasionada pelas respectivas voltas para cidades natais, serão facilmente dribladas por nós, pois onde vocês estiverem eu me comprometo a também estar.
Ao final da sessão de amigos, sinto em meu coração que devo ressaltar em meus agradecimentos 4 nomes, e adjunto a esses as suas melhores qualidades e como cada um mudou a minha vida: À João Paulo Eichenberg eu agradeço por ser a pessoa mais companheira que conheço, os anos vividos ao seu lado na faculdade foram especialmente engrandecedores, sinto que teremos para toda a vida uma sintonia e faço questão que para sempre você esteja assentado à minha mesa. À Lucas Pires Lisboa eu agradeço por ser a pessoa mais gentil que eu conheço, o seu coração não apenas abraçou-me e confortou-me nos últimos 12 anos, mas me ensinou a ser uma pessoa melhor e mais acolhedora. À Marcos Alves Borges eu agradeço por ser a pessoa mais inteligente que conheço, não bastasse o dom de aprendizado e ensino, Marcos você me ensinou como a dedicação atrelada ao talento pode nos levar a lugares inimagináveis. À João Pedro Andrade, eu agradeço por ser a pessoa mais leve e animada que conheço, a sua energia emana alegria e a sua sinceridade trás certeza aos seus, e foi por meio de suas falas que eu enxerguei a vida de uma forma bem mais bela.

Ao meu orientador Marcos Cordeiro Pires agradeço pelas conversas, sejam elas acadêmicas ou em sua essência de camaradagem. Este professor foi para mim, um mártir de comunicador e intelectual, e agradeço imensamente pelo amor que me fez desenvolver pelas ciências econômicas. Aproveito para agradecer a todos os professores que fizeram parte da graduação na Unesp de Marília, sem dúvidas os melhores profissionais que já conheci.

Agradeço aos meus professores do ensino médio que já desde cedo desenvolveram em uma sala cheia de alunos barulhentos e indecisos, um senso crítico e um amor excepcional pelo estudo. Dentro desses conjuntos de professores sinto a necessidade de agradecer especificamente a dois: Professor Rodrigo Stradiotto foi o melhor professor de história para um jovem que não sabia qual ramo estudar, foi em uma de suas aulas que me deparei com o amor pelas ciências humanas e hoje me formo em um curso por conta de uma bibliografia indicada por este. O segundo, mas não menos importante, Luiz Guilherme foi o professor de geografia mais atencioso para um jovem que não sabia onde deveria estudar o ramo escolhido, e foi em uma conversa extracurricular, que as suas aventuras vividas na unesp, encheram-me de coragem de buscar novos horizontes longe de casa. E hoje me formo após 3 anos morando sozinho e muito mais maduro do que jamais seria em caso de ter me mantido em São Paulo. Sendo assim, vos agradeço imensamente pelo trabalho como formadores de opinião, mas principalmente pela capacidade de envolverem um jovem com bons e grandiosos sonhos.

Por fim, de forma em vão, pois corpo textual algum será capaz de refletir a minha gratidão, agradeço a Paola Zielinski. À minha namorada, companheira, amiga, confidente e muito mais, agradeço por me escolher. Agradeço por acolher as minhas inseguranças e torná-las meus pontos fortes. Agradeço pelos jantares, risadas e abraços. És tu quem engrandece a minha alma e escoa como afluentes de amor que recaem sobre mim. Quando Carla Madeira descreveu amar como sendo “um monte de gostar” ela tinha razão, tudo com a sua companhia é elevado ao incrível e é por isso que eu vejo que tudo que construí nesses últimos anos, eu não construí sozinho. Obrigado por me mostrar como ser melhor todos os dias, por juntar minhas partes perdidas e principalmente por ressignificar “Future Days” do Pearl Jam. Eu te amo.

"Se Deus me desse uma segunda chance naquele momento... eu teria feito tudo igual”

- Miller, Joel

RESUMO: Esta pesquisa explora o papel estratégico dos *think tanks* na geopolítica global, por metodologia de revisão bibliográfica de caracter qualitativo, destacando sua origem nos Estados Unidos e sua evolução de instituições acadêmicas neutras para organizações com agendas ideológicas. Analisa-se a influência desses centros na formulação de políticas internas e externas, sua expansão internacional, e o impacto de sua atuação na América Latina, objetivando o entendimento enquanto um instrumento de manutenção e controle estadunidense das relações da região em questão com a China. O estudo também aborda como a relação triangular entre América Latina, Estados Unidos e China redefine dinâmicas de poder, bem como os desafios de autonomia dos *think tanks* em meio a interesses financeiros e ideológicos.

Palavras–chave: *think tanks*, Estados Unidos, China, hegemonia, América Latina

ABSTRACT: This research explores the strategic role of *think tanks* in global geopolitics through a qualitative literature review methodology. It highlights their origins in the United States and their evolution from neutral academic institutions to organizations with defined ideological agendas. The study examines their influence on domestic and foreign policymaking, their international expansion, and their impact in Latin America, aiming to understand their role as an instrument of U.S. control over the region's relations with China. Additionally, it addresses the triangular relationship between Latin America, the United States, and China, analyzing how it reshapes power dynamics and the challenges *think tanks* face in balancing intellectual autonomy with financial and ideological interests.

Keywords: *think tanks*, United States, China, hegemony, wellfare state, american influênce

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - 13

2 HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO DOS *THINK TANKS*

2.1 Surgimento e trajetória inicial dos *Think tanks* no âmbito nacional e internacional - 16

2.2 Conceituação dos *Think tanks* atuais -18
2.3 Integração dos *think tanks* ao âmbito político dos Estados Unidos -20
2.4 Integração e crescimento dos *Think tanks* no cenário internacional - 21
2.5 Funcionamento interno de um think thank e a sua hibridez - 24

3 DINÂMICA ENTRE ESTADOS UNIDOS E SEUS *THINK TANKS*
3.1 Influência dos *Think tanks* nos Estados Unidos da América – 28
3.2 *Think tanks* na formulação de políticas de bem-estar: Individualismo sobre a pobreza e assistência social - 30
3.3 *Think tanks* na influência da política externa dos EUA - 32
3.4 *Think tanks* e o movimento conservador nos Estados Unidos - 36
3.5 O financiamento estrangreiro sobre os *think tanks* americanos - 41
3.6 *Think tanks* americanos e a sua influência na América Latina - 43

4 ESTADOS UNIDOS E SEUS *THINK TANKS* CONTRA A INFLUÊNCIA CHINESA NA AMÉRICA LATINA
4.1 Estado Unidos, Hegemonia e a China em uma visão coxiana – 46
4.2 China e a influência na América Latina - 48
4.3 *Think tanks* como um artifício ofensivo americano contra a China na disputa internacional de semicondutores e microchips - 50
4.4 *Think tanks* como um artifício ofensivo americano contra a China em sua campanha de aproximação com a américa latina - 52

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS - 56

REFERÊNCIAS - 59

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende demonstrar como *think tanks* emergiram como protagonistas no cenário político global, atuando como centros de produção intelectual, disseminação de ideias e influência estratégica em políticas públicas e externas. Baseando-se majoritariamente em referências coletadas a partir da plataforma Google Acadêmico, por meio dos operadores booleanos "*think tanks* AND Estados Unidos", "*think tanks* AND China", "*think tanks* AND América Latina". Dessa maneira, o critério de inclusão/exclusão se aplicou à textos pertinentes ao tema, utilizando da revisão bibliográfica como metodologia a guiar este estudo.

Originários dos Estados Unidos, essas instituições desempenharam inicialmente o papel de fornecer análises técnicas e informações embasadas para tomadores de decisão em tempos de crise, como durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Nesse período, consolidaram-se como ferramentas essenciais na formulação de estratégias militares e políticas externas, moldando uma interação entre o conhecimento acadêmico e a ação governamental que persiste até os dias atuais.

A trajetória histórica dos *think tanks* nos Estados Unidos revela uma transição significativa de instituições acadêmicas neutras para organizações com agendas ideológicas bem definidas. Enquanto os primeiros modelos buscavam a racionalidade administrativa e o apoio técnico para governos, a partir da década de 1960, observa-se o surgimento dos *advocacy think tanks*, orientados por interesses políticos e econômicos específicos. Essa mudança foi impulsionada pelo contexto da Guerra Fria, que exigia a mobilização de recursos intelectuais não apenas para a contenção do comunismo, mas também para a promoção de valores como o liberalismo econômico e a democracia ocidental.

No âmbito interno dos Estados Unidos, os *think tanks* desempenham um papel central na formulação e implementação de políticas públicas, influenciando diretamente legisladores, administradores e até mesmo o setor privado. Essa influência ocorre por meio de estudos, relatórios e eventos que conectam especialistas e tomadores de decisão. Além disso, a prática da "revolving door", na qual membros dessas instituições transitam entre cargos em *think tanks* e posições estratégicas no governo, reforça sua capacidade de moldar agendas políticas e ideológicas em consonância com seus interesses.

A expansão internacional dessas organizações foi outro marco importante de sua trajetória. Com o avanço da globalização, os *think tanks* norte-americanos ampliaram sua atuação para além das fronteiras dos Estados Unidos, estabelecendo filiais em regiões estratégicas e promovendo redes de cooperação internacional. Por meio dessa internacionalização, eles exportaram valores e ideais americanos, como o neoliberalismo econômico e o conservadorismo social, moldando debates e políticas em países de diferentes contextos históricos e culturais. Esse movimento, no entanto, não se restringiu à promoção de agendas americanas, mas também abriu espaço para a atuação de outras potências, como a China.

No contexto latino-americano, os *think tanks* americanos exerceram uma influência significativa, inicialmente por meio do apoio a governos autoritários durante a Guerra Fria e, posteriormente, na promoção de reformas econômicas neoliberais em períodos de transição política. No entanto, a crescente presença da China na região nas últimas décadas desafiou essa hegemonia, provocando novas dinâmicas de competição estratégica. A China se consolidou como um parceiro comercial e financeiro relevante para muitos países latino-americanos, enquanto os *think tanks* americanos intensificaram esforços para reafirmar a influência dos Estados Unidos e contrabalançar a expansão chinesa.

A ascensão chinesa na América Latina também trouxe à tona preocupações sobre a autonomia regional e os impactos das parcerias econômicas sino-latino-americanas nas relações interamericanas. Muitos *think tanks* americanos passaram a abordar essas questões de maneira crítica, destacando as implicações geopolíticas e econômicas do aumento dos investimentos e financiamentos chineses na região. O conceito de uma "relação triangular" entre América Latina, Estados Unidos e China tornou-se central nesses debates, revelando as tensões e oportunidades presentes nesse novo cenário de competição global.

Além das questões geopolíticas, este trabalho também explora as dinâmicas internas dos *think tanks*, suas estruturas híbridas e os desafios de equilibrar autonomia intelectual com dependência financeira. Muitas dessas instituições são financiadas por conglomerados econômicos ou governos, o que pode influenciar suas agendas de pesquisa e decisões estratégicas. Na América Latina, por exemplo, a dependência de financiamento externo muitas vezes direciona as prioridades dos *think tanks* locais em alinhamento com os interesses de seus patrocinadores estrangeiros, prejudicando sua autonomia e capacidade de atender às demandas regionais.

Por outro lado, a atuação dos *think tanks* não está limitada à promoção de interesses hegemônicos. Essas instituições também desempenham um papel relevante na mediação de debates e na construção de agendas políticas informadas, contribuindo para a formação de uma sociedade civil mais engajada e participativa. No entanto, a predominância de agendas ideológicas e a assimetria de poder entre os financiadores e as regiões influenciadas geram um debate contínuo sobre o papel desses centros no fortalecimento ou na fragilização das democracias locais.

Assim, este trabalho busca compreender a complexa relação entre os *think tanks* americanos, suas origens e transformações, e os impactos de sua atuação em contextos nacionais e internacionais. Ao explorar os casos dos Estados Unidos e da América Latina, com atenção especial às dinâmicas entre EUA e China, pretende-se analisar como essas instituições operam em um cenário de disputa global, exercendo influência direta sobre a as relações entre China e América Latina.

Por fim, ao examinar as interações entre *think tanks* os americanos, governos e sociedade civil, esta pesquisa pretende oferecer uma análise crítica e abrangente sobre o papel dessas instituições como atores estratégicos na geopolítica contemporânea, trabalhando para manutenção de uma hegemonia estadunidense, principalmente sobre as áreas de influência chinesa, como a recente parceria com a América Latina

2. HISTÓRIA E CONCEITUAÇÃO DOS *THINK TANKS*

2.1 Surgimento e trajetória inicial dos *Think tanks* no âmbito nacional e internacional

A princípio para que entendamos como se dão os processos e estruturas dos *Think tanks*, precisamos visitar as suas origens com o entendimento de que o processo de criação e intenções iniciais não necessariamente se convergem com os rumos tomados em um futuro próximo. Sendo assim este capítulo tratará desde a concepção dos *Think tanks*, explicando como se deu o desenvolvimento e processo de mudança desses, para que enfim detenham uma importância capaz de influenciar o plano internacional atual.

Conforme autores como Luciana Wietchikoski e Tatiana Teixeira salientam, para que entendamos o caminho trilhado pelos *think tanks* até os dias atuais precisamos expor as diferentes fases e tipos aos quais essas instituições se encaixam. Entendendo que autores diferentes trarão diversas visões de como essas instituições se encaixam no mundo político.

Atrelado a ascensão mundial do Estados Unidos os primeiros *think tanks* funcionam a base de pesquisas acadêmicas com uma qualidade e teor alto de cientificidade. Os principais expoentes dessa época seriam: Council on Foreign Relations e Brookings Institution

Majoritariamente atrelado aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, surgem instituições necessárias para estudar, entender e prever as movimentações internacionais daquele momento histórico. O mundo, e principalmente os Estados Unidos, sentiam uma necessidade de entender cada passo daqueles que não mantinham relações amistosas com o mundo ocidental.

Apenas a partir da década de 1960 surgem os primeiros indícios daquilo que conhecemos hoje como *think tanks*, os advocacy *think tanks* surgem em meio a disputa política dos Estados unidos entre esquerda e direita, em um contexto ainda de Guerra Fria, mas ligado a um de seus acontecimentos mais importantes: A Guerra do Vietnã. Iniciando com uma disseminação de ideias mais "industriais" e procuram engrandecer suas ideologias influenciando membros relevantes o suficiente para não apenas propagar essas ideias, mas também decidirem diversas questões embasados nestes programas ideológicos. E este suptópico tratará desde a concepção dessas instituições até esta marca que foi supracitada

Sendo com o final desses conflitos, adjuntos a aceleração da globalização que parte das nacionalidades dos *think tanks* começaram a deixar de ser estadunidenses. Criando a necessidade do financiamento de *think tanks* em Estados divergentes aos EUA que careciam de fontes de informação que nem sempre eram disponibilizadas pelo Governo. Especialmente em regiões como África, Ásia Central e Leste Europeu. Isso foi incentivado por doadores

internacionais que viam nesses centros uma forma de promover a democracia e apoiar o desenvolvimento de uma sociedade civil vibrante e independente (McGANN, 2003, p. 87).

Ademais, a quarta fase torna-se intrínseca ao conservadorismo pregado pelo governo Reagan, possuindo os mesmos moldes dos advocacy *think tanks* e aprimorando o marketing de ideias, com uma gama significativa de influência sobre a agenda pública. Possuindo como expoentes instituições como “Bradley” e “Smith Richardson”(Santoro, 2008, p.4). Entretanto trataremos de movimentos como esses em capítulos seguintes deste estudo.

A partir das décadas iniciais do século XX, os *Think tanks* surgiram, em um ambiente essencialmente estadunidense, com o objetivo de racionalizar e pragmatizar a administração pública por meio do desenvolvimento de formulações políticas. Financiados por bilionários como Andrew Carnegie e Rockfeller estas publicações continham como sua essência a propagação de princípios como a neutralidade, racionalidade e cientificidade por meio de métodos acadêmicos. Desdobrando-se desses princípios, surge ao final da década de 1940 algumas instituições estatais encabidas do desenvolvimento de estudos como esses supracitados, entretanto com um alvo especial: os tomadores de decisões estatais, com um preceito de que aqueles que detinham tais funções, deveriam se munir de fontes de informações neutras e embasadas para que suas ações fossem sobreas com os acontecimentos e movimentos estudados. Sendo assim podemos observar que os primeiros indícios dentro da manutenção política por parte dos *Think tanks* se deram nesse período. Embasados principalmente nos preceitos do New Deal, essas instituições foram essenciais para o desenvolvimento de políticas públicas.

Posteriormente, é possível verificar um período de essencial participação dos *Think tanks*: A Segunda Guerra Mundial. Por meio de pesquisas desenvolvidas por intelectuais e *Policy Experts* das instituições às quais estamos estudando, foram capazes de influenciar diversos âmbitos da Guerra. A gestão de recursos financeiros e a administração de contingente são apenas algumas das áreas em que tais pesquisas foram utilizadas, colocando assim tais trabalhos ao lado vencedor da guerra.

A fim de entender a importância dos *Think tanks* no período, podemos averiguar como o nome que estes institutos carregam, provém da luta entre os Aliados e o Eixo. As decisões mais importantes, como planos de invasões e outras grandes estratégias militares deste período, aconteciam em salas protegidas e sigilosas que abrigavam militares e civis capacitados para o desenvolvimento de tais ideias. Estas salas ficaram conhecidas como *Think tanks*, que em uma tradução literal evidencia o poder de uma ideia, equiparando tais planos com o poder de fogo de um tanque de guerra.

São destes esforços, após 1945, que surge um dos principais *Think tanks* conhecido como Rand Corporation, com o objetivo de conjuminar decisões políticas aos planejamentos militares, esta instituição tornou-se de forma integral uma pesquisadora de projetos das Agências do Departamento de Defesa da Força Aérea. Produzindo importantes metodologias como a análise de sistemas, amplamente utilizada pelos Estados Unidos na Guerra Fria.

Contudo é a partir de 1960 que podemos observar um vislumbre do que hoje conhecemos como *Think tanks*. Com o mesmo público alvo, os tomadores de decisão, o *Think tanks* intitulados como Advocacys, surgem com uma linguagem mais midiática, de uma forma mais condensada e capaz de sugerir algumas recomendações políticas, principalmente aquelas voltadas contra o avanço de ideais progressistas e Keynesianas. Institutos capazes de produzir tais tipos de conhecimento buscaram não apenas expoentes capazes de tomar decisões, mas também apontaram suas investidas para os formadores de opinião, como inúmeros integrantes da mídia nacional (Wietchikoski, 2018, p.32). A partir dessas ocasiões parte desses institutos passaram a servir como canais que faziam a transição do conhecimento técnico e acadêmico para um formato mais acessível aos formuladores de políticas, ajustando conteúdos para se alinhar às prioridades governamentais ou partidárias (Stone, 1996, p. 123).

Neste momento o pragmatismo e compromisso científico que guiavam as produções dos primeiros institutos fora substituído por princípios conservadores de individualismo, que pregavam a figura estatal como pouco necessária na economia, e uma política claramente embasada em valores morais e religiosos.

São essas mudanças que acarretam em um divisor de águas para a história dos *think tanks*, sendo a partir deste momento que cria-se a divisão das interpretações ideológicas entre as instituições. Podendo ser denominados como conservadores ou liberais.

Visando a continuidade da disseminação de ideias, a partir da década de 90 fica evidente a investida internacional dos institutos, chegando aos anos 2000 com a maior intensidade. Contanto com um processo de criação de filiais que residiam em países geograficamente estratégicos, possibilitando uma maior abrangência e "propriedade" para influenciar em questões internacionais e que a princípio não teriam intervenção estadunidense. Essa movimentação tem uma importância significativa para os institutos, possibilitando a realização das chamadas redes políticas, envolvendo a sociedade civil, o espectro privado e governos.

2.2 Conceituação dos *Think tanks* atuais

Após analisarmos em termos históricos como os como os *think tanks* surgiram e desenvolveram a sua influência, precisamos nos aprofundar em algumas definições do termo,

para que sejamos capazes de entender que o conceito dessas instituições que está descrito muitas vezes como sendo as organizações, em sua grande maioria autônomas, desafiando algumas teorias políticas tradicionais. Embora a aprovação de políticas públicas permaneça com representantes eleitos, os governos utilizam fontes externas de aconselhamento e informação. A influência dos *think tanks* na formulação de políticas é limitada a construir agendas políticas, desenvolver alternativas de políticas e disseminar ideias para moldar a compreensão pública. O conceito de comunidades epistêmicas, permite uma perspectiva sobre o papel dos *think tanks*, considerando-os como parte de uma rede de especialistas que compartilham uma visão de mundo comum. Ou até mesmo uma "expressão organizacional do sangramento de ideias e políticas fora das arenas de política formais" (Stone, 1996, p.2).

A necessidade de explicitação do conceito é de tamanha importância pois diferentes organizações reivindicam o título de think tank com perfis variados, o que torna desafiador estabelecer uma definição precisa e única para esses grupos (Stone, 1996, p.9). Para resolver essa ambiguidade, propõe-se então que os *think tanks* sejam entendidos como institutos de pesquisa de políticas independentes, com o objetivo principal de influenciar processos de tomada de decisão por meio da produção de conhecimento e análises, possuindo independência organizacional, a definição autônoma de suas agendas de pesquisa e um foco claro em políticas públicas (Stone, 1996, p.12).

Esse foco nas políticas públicas é outra característica essencial dos think-tanks, que orientam suas pesquisas para influenciar o processo decisório governamental. Eles têm o objetivo de aproximar o conhecimento acadêmico das demandas políticas, criando um elo entre os dois universos. Essas instituições também alegam ter uma finalidade pública e educativa, com um compromisso em construir um debate informado e oferecer educação à comunidade, o que as diferencia de grupos de interesse e lobbies. Em termos de organização, a equipe desses institutos geralmente inclui profissionais com formações acadêmicas sólidas nas ciências sociais e experiência direta no setor governamental, o que confere legitimidade e credibilidade aos resultados de suas pesquisas (Stone, 1996, p. 14-16)

Essas estratégias permitem que essas organizações influenciem as políticas de modo indireto, criando uma base sólida para suas propostas e promovendo uma visão coerente do tipo de sociedade que pretendem construir (Stone, 1996, p. 132). E será exatamente esta capacidade de influência, seja sobre o território nacional ou internacional que estudaremos mais adiante neste estudo.

2.3 Integração dos *think tanks* ao âmbito político dos Estados Unidos

Entendendo a criação e desenvolvimento inicial dos *think tanks* e a conceituação atual a qual utilizaremos de base para o seguimento desse estudo, podemos afirmar que o movimento capaz de criar tais instituições é essencialmente estadunidense. E será neste local em que os *think tanks* não apenas nascerão, mas também, por meio de seus fatores culturais e institucionais, se integrarão com o âmbito político, possibilitando assim um crescimento em sua capacidade de influência.

A partir da doutrina liberal altamente disseminada entre a população, e um sistema político descentralizado, os Estados Unidos torna-se um local "fertil" para disseminação dos ideais dos *think tanks*, diferenciando-se de países com sistemas mais centralizados como o Reino Unido (Stone, 1996, p. 39). Esse tipo de abertura permite que os estudos e ideias desenvolvidos dentro dessas instituições possam chegar aos seus replicadores em diferentes patamares da sociedade americana, podendo se expressar dentro das áreas executivas e chegando até o Congresso. Estando em contraponto com o sistema mais recluso britânico, que limita o seu poder estatal em seu gabinete ministerial e em seu primeiro ministro, mitigando a possibilidade de acessibilidade política a organizações externas (Stone, 1996, p.43)

Legisladores estadunidenses, por exemplo, são altamente propensos a receber e reproduzir ideias externas. Parte dessa propensão surge das desconfianças para com o Estado, e da desvalorização de tudo aquilo que provém deste, e por consequência, na supervalorização daquilo que parte da iniciativa privada.

O que abre espaço para outro tipo de ator muito presente nos Estados Unidos: as instituições filantrópicas. Sendo estes, altamente beneficiados em um sistema de impostos favorável que incentiva doações a organizações de pesquisa, resultando em um número substancial de fundações que sustentam think-tanks. (Stone, 1996, p. 47)

O "excepcionalismo americano", pode ser discutido referindo-se ao fato de que os think-tanks americanos frequentemente assumem uma postura mais pública e influente no cenário político, enquanto em países como o Reino Unido eles são vistos como agentes de influência mais discretos. A natureza "hiper pluralista" da sociedade americana permite um maior número de vozes e atores no processo de formulação de políticas, criando um espaço propício para a atuação de think-tanks (Stone, 1996, p. 52).

A descentralização do sistema partidário também agrega na facilidade da entrada dos *think tanks* e seus ideais nas mais diversas áreas políticas. A não necessidade de uma escolha comum e a priorização dos votos de formas singulares por parte dos tomadores de decisões

possibilita uma irradiação muito mais viável para essas respectivas ideias. Seria muito mais complexo o desenvolvimento de um ideal capaz de aglutinar a maioria dos integrantes de um partido, entretanto como cada integrante pode votar de acordo com os seus interesses, torna-se viável a influência dos institutos sobre pontualmente aqueles que mais se aproximam das ideias disseminadas (Wietchikoski, 2018, p.41).

Os *think tanks* conhecidos como *advocacy's* em um ambiente como esse, podem então disseminar artigos, matérias e ideias enviesadas, que serão capazes de influenciar tais legisladores de uma forma a serem material essencial para a formação dessas leis e políticas públicas. Essas organizações auxiliam no processo de traduzir ideias e teorias abstratas em propostas práticas e viáveis, que podem ser transformadas e aplicadas em políticas reais. Ao fazerem essa mediação, os *think tanks* buscam reduzir a lacuna entre o conhecimento técnico e as necessidades práticas dos formuladores de políticas, garantindo que ideias complexas possam ser compreendidas e, potencialmente, implementadas (Stone, 1996, p. 128).

Sendo assim de uma forma descentralizada, essas ideias somam-se dentro de diversas áreas além do legislativo: como as indicações de seus membros ao senado e muitas outras áreas. E será por pelo caminho de influências pontuais em diversos membros importantes, como a própria equipe presidencial, que integrantes dos *think tanks* denominados "policy *experts"* conquistam indicações para cargos administrativos-consultivos. Tal processo da saída de um membro de um think tank para um cargo governamental fica conhecido como "revolving door" (Wietchikoski, 2018, p.41).

Pode-se então perceber que como dito anteriormente a criação e desenvolvimento dos *think tanks* são essencialmente ligadas à cultura estadunidense pelos motivos que de fato moldam a sociedade americana. Ressaltando que o fenômeno dos *think tanks* não é exclusivamente estadunidense, entretanto ao analisarmos os aspectos supracitados podemos entender como o território dos Estados Unidos "nutri e fertiliza" o espaço para crescimento dessas instituições, muito mais do que outros Estados (Stone, 1996, p. 51). Possibilitando assim uma disseminação internacional, que será posteriormente trabalhada neste trabalho. Entretanto, entender a quais raízes essas instituições estão ligadas, evidenciará não apenas as suas intenções ideológicas, mas também como essencialmente estes funcionam internamente.

2.4 Integração e crescimento dos *Think tanks* no cenário internacional

Parte do fenômeno dos *think tanks* provêm da capacidade de disseminação de informações de cunho "acadêmico e embasado" de uma forma simplista para que possa

percorrer a maior parte de disseminadores. Dessa forma, atrelado a necessidade da disseminação e capacidade de coleta de informações de forma mais rápida, essas instituições iniciam a ter um crescimento exponencial no cenário internacional a partir do momento onde os meios de comunicação começam a permitir trocas de informações mais velozes.

Atrelado a essa mudança essencial, algumas coligações internacionais despertam interesse em uma elite letrada e engajada, como foi apresentado no início do capítulo deste estudo. Cenários como: a interdependência econômica atrelado ao comércio internacional, avanços tecnológicos, crises de guerra, instabilidade regional e tensões étnicas e nacionalistas começam a ser estudados a princípio como "um desejo apaixonado de evitar novas guerras" (Stone, 1996, p. 184).

Instituições como o Royal Institute of International Affairs teve sua criação por volta de 1920 e já ocupava uma importante posição dentro do governo britânico. Ao mesmo tempo em que trabalhava em prol do governo, lhe era conferido um status semi oficial por conta das conexões com parlamentares e membros do serviço público. Influenciando diretamente nos estudos sobre a Segunda Guerra Mundial, o RIIA possuía como papel o fornecimento de material histórico e analítico sobre fatores de alta importância para que houvesse uma previsibilidade nos eventos da guerra. (Stone, 1996, p. 186).

Junto a isso podemos verificar a importância de instituições como a Rand Corporation no âmbito da Guerra Fria. Abandonando uma visão mais idealista disseminada anteriormente entre os *think tanks*, a Rand ingressa suas análises com metodologias realistas e racionais moldando a agenda do instituto em torno de debates sobre dissuasão e controle de armamentos. Constituindo assim uma proximidade com o governo dos EUA E desempenhando papel essencial na introdução de um novo vocabulário que moldou e limitou o debate sobre defesa e segurança, e ao mesmo tempo, com um grupo de estrategistas acadêmicos, conseguiram constituir uma base teórica estratégica com implicações profundas para a política externa dos EUA (Stone, 1996, p. 191)

O sucesso da RAND não conteve-se apenas no âmbito da força intelectual de suas ideias, mas também ao seu papel como corretora de pesquisa. Com apoio e incorporação de análises da RAND nas políticas de defesa e estratégias militares transformaram a forma como as políticas de defesa eram pensadas e implementadas, tornando a análise quantitativa e a modelagem uma parte integral do processo de decisão política. Essa influência consolidou a RAND como uma das principais fontes de expertise em estratégia e defesa durante a Guerra Fria e além (Stone, 1996, p. 192).

Urge desta internacionalização a capacidade de influencia dos *think tanks* em territórios estrangeiros e até mesmo a influência por parte das instituições estadunidenses sobre as nacionais de outros Estados. Podemos observar isso apartir do artigo "Inevitável e Imprevisível, o fortalecimento da direita para além da dicotomia ação e estrutura: o espaço internacional como fonte de legitimação dos *Think tanks* latino-americanos" Maria Carlotto defende que as capacidades de influência dos *Think tanks* estão legitimamente atreladas às "redes globais de especialistas e de difusão de ideias" capazes de extrapolar as fronteiras nacionais. Possibilitando uma promoção de agendas conservadoras e liberais, que serão abordadas nas seções posteriores deste estudo, amparado em uma suposta "excelência acadêmica" no espaço público.

Quando observamos a história de criação e transformações dos *Think tanks*, é intuitivo perceber como as ideologias contidas no espaço estadunidense servem de "solo fertil" para disseminação de ideias dos *think tanks*. Entretanto, com os EUA detendo um controle da influência quase que unipolar sobre o globo após a Guerra Fria, é visível a disseminação dos ideais neoliberais e conservadores por todo o mundo.

Assim como a crença popular de que produtos "importados" detém de melhor qualidades do que os nacionais, surgem nos países subdesenvolvidos um sentimento de que informações provindas de estudos internacionais reivindicam um espaço de autoridade, fazendo com que os *think tanks* funcionem como atores globais, utilizando seu capital internacional para moldar o debate público, influenciar políticas, e contestar as instituições locais que, tradicionalmente, ocupavam o papel central na produção e difusão de conhecimento. (Carlotto, 2018, p.78)

Não bastasse a valorização de estudos publicados internacionalmente perante aos criados por instituições internas, ainda em países como o Brasil, a criação de *think tanks* nacionais está atrelada a uma busca por vinculação com as grandes instituições de mesma área americanas. O reconhecimento através da vinculação internacional confere aos *think tanks* nacionais uma espécie de "selo de excelência acadêmica" e legitimidade intelectual. (Carlotto, 2018, p.78)

Pode-se usar de exemplo a posição ocupada pela Fundação Getúlio Vargas e seu enorme prestígio concedido pela presença no Global Go To Think Index. Posição essa concedida principalmente pela inserção internacional da FGV, afastando uma visão de apenas cooperação entre as instituições, mas sim um meio de reposicionamento social das elites intelectuais que atuam nesses espaços.(Carlotto, 2018, p.79)

Sendo assim entende-se que a circulação em redes internacionais, como descrita por Carlotto, permite que os *think tanks* reconfigurem o espaço da produção de conhecimento, tornando-se uma força decisiva na difusão de ideias conservadoras. Essa articulação não só confere prestígio e legitimidade, mas também cria novas barreiras para aqueles que não têm acesso a esse tipo de formação internacional.

2.5 Funcionamento interno de um think thank e a sua hibridez

Para analisarmos como se dá o funcionamento de um think tank precisamos antes entender que essas instituições, para que tenham tamanho reconhecimento no plano internacional, necessitam de uma harmonia entre múltiplas demandas vindas dos campos acadêmico, político, econômico e midiático. E será a partir desse amálgama de diferentes campos que os *think tanks* ocuparão um intermediário entre diferentes esferas da sociedade, pois ao mesmo tempo que alegam uma autonomia intelectual, a dependência financeira de conglomerados com visões de mundo parciais, geram demandas políticas necessárias a serem abordadas por esses. Obrigando assim quase que uma “coreografia” cuidadosa para manter o apoio midiático, a liberdade de pensamento e a necessidade de financiamento(Medvetz, 2012, p.120).

Ainda em seu Livro Madvetz afirma que a tipologia descrita por diversos autores podem parecerem similares as quais aplicadas por ele, entretanto em sua análise são apresentadas abordagens topológicas, sendo assim o presente estudo seguirá esse tipo de descrição para analisar como se dão os funcionamentos internos de um think tank. Já que “enclausurá-los” em tipologias descaracteriza uma das mais importantes capacidades dos *think tanks*: a mudança com o tempo. Já um modelo topológico nos convida a pensar em cada organização, não como representando um tipo específico, mas como ocupando uma posição dentro de um campo dinâmico de relações (Medvetz, 2012, p. 123).

Usando como exemplo o *Economic Policy Institute* (EPI) podemos analisar a superioridade da conceituação topológica em relação à tipológica no estudo de *think tanks*. O EPI é frequentemente descrito como uma organização "apoiada por sindicatos", mas sua relação com o movimento sindical detém uma complexidade do que essa simples categorização sugere. Dependendo do contexto, a conexão com sindicatos pode ser vista tanto de forma negativa quanto positiva. A abordagem tipológica, que tenta enquadrar o EPI rigidamente como um "*think tank* sindical", falha em capturar essa dinâmica, simplificando uma relação que é, na verdade, fluida e multifacetada. Em contraste, o modelo topológico reconhece que o EPI não

pode ser fixado em uma única categoria; ele se move entre diferentes campos, adaptando-se às várias forças e demandas ao seu redor. Como por exemplo o equilíbrio necessário entre instituições além dos sindicatos, como: instituições políticas e de jornalismo (Medvetz, 2012, p. 126).

Portanto, a conceituação topológica se mostra superior à tipológica porque fornece uma representação mais completa e detalhada da fluidez, da adaptação e do hibridismo dos *think tanks*, como o EPI. Enquanto a tipologia se limita a categorias estáticas e rígidas, o modelo topológico oferece uma visão mais realista e dinâmica, que reconhece as diversas forças que moldam a identidade e a atuação dessas organizações ao longo do tempo.

Um dos aspectos principais abordados é a urgência dos *think tanks* em aparentar ser independentes, mesmo que, em diversas ocasiões, estejam atrelados aos interesses de seus financiadores. Esses financiadores podem ser grandes empresas, fundações ou entidades governamentais. Medvetz esclarece que, para garantir sua sobrevivência, os *think tanks* precisam captar recursos financeiros, sem perder a imagem de integridade intelectual. Essa situação gera um conflito contínuo entre a produção de pesquisas de alta qualidade e a necessidade de corresponder às exigências de seus apoiadores financeiros. (Medvetz, 2012, p. 124).

São esses financiadores que por muitas vezes precisam ser contidos enquanto as proximidades com as instituições às quais estamos estudando, pois apesar da necessidade de cultivo de informações para formuladores de políticas públicas, fica explícito uma necessidade de distanciamento para com os partidos patrocinadores desses *think tanks*. Esse distanciamento tem como princípio básico a criação de uma "credibilidade" embasada em uma capacidade de crítica, quando necessário, perante ao seu patrocinador (Medvetz, 2012, p. 128). Essa manobra também é importante para os próprios patrocinadores, pois quando estes sentem a necessidade de gerarem estudos enviesados, as instituições patrocinadas terão menor rejeição por parte do público, que a princípio não acusará o Think Tank de ser enviesado.

Esta aceitação será realizada a partir da disseminação dos estudos por parte da mídia, um dos principais parceiros dos *think tanks*, aos quais o alinhamento também deve ser esquematizado. Será por meio das participações nos meios de comunicação que os *think tanks* terão a oportunidade de demonstrar o seu nível de influência e assim gerarem um nível de prestígio, capaz de colocar algumas instituições como mais importantes do que outras (Wietchikoski, 2018, p.46).

É importante ressaltar que quando tratamos dessas participações não estamos apenas nos atentando a notícias geradas pelo "jornalismo" dos *think tanks*, que em algumas instituições

chegam a constituir salas de última geração em questão de tecnologias televisivas e de rádio, mas também estamos falando da publicação de artigos de opinião, adaptando assim parte de suas pesquisas para uma maneira mais palpável e simplista para que parte da mídia seja capaz de disseminá-las.(Medvetz, 2012, p. 135-136)

Podemos citar como exemplo de produções dos *think tanks* diferentes formas de comunicação com o intuito de atingir não apenas os tomadores de decisão como também, o público comum. Entre eles estão: artigos longos e melhor desenvolvidos, mas também curtos e mais rápidos de se ler, áudios e vídeos de curta duração, boletins informativos e etc (Wietchikoski, 2018, p.47).

Os *think tanks* exercem uma influência significativa sobre o processo decisório político através de suas conexões com altos cargos governamentais e legislativos. Uma das principais estratégias é inserir seus membros em posições-chave nas administrações, como secretários e conselheiros, o que aumenta o prestígio dessas instituições e fortalece suas redes de contatos com os principais decisores políticos. Além disso, os *think tanks* frequentemente são convidados a participar de forças-tarefas, grupos de transição e conselhos consultivos presidenciais, moldando diretamente a agenda política. Suas ligações com o Congresso também são fundamentais, onde mantêm um diálogo próximo com legisladores, oferecendo recomendações políticas e realizando eventos fechados para discutir propostas legislativas concretas. Dessa forma, os *think tanks* se posicionam como atores influentes, tanto no desenvolvimento de políticas públicas quanto na implementação dessas diretrizes pelos tomadores de decisão. (Wietchikoski, 2018, p.49)

Os estudos de Wietchikoski concluem ao final da primeira sessão que *think tanks* são reconhecidos legalmente nos Estados Unidos como instituições filantrópicas, não lucrativas e enquadradas com outras instituições como igrejas, que por lei devem desempenhar um papel neutro em seus meios. Entretanto, foi pelo papel ativo na construção, circulação e reprodução de ideias que influenciam o debate público e a formulação de políticas públicas que os *think tanks* se popularizaram. Assim, os *think tanks* atuam dentro de limites legais, mas desenvolvem estratégias sofisticadas para moldar a opinião pública e as decisões governamentais.

A influência dos *think tanks* está fortemente associada às suas conexões com a mídia, o Congresso, e outras arenas políticas. Essas instituições frequentemente aparecem em entrevistas e artigos de opinião, participam de comitês do Congresso e até ocupam cargos governamentais. Com diferentes perfis orçamentários e ideológicos, elas compartilham uma missão comum de influenciar o debate público, agindo como intermediárias entre o governo, a sociedade e o setor

privado. Apesar dessa presença ativa, sua influência direta sobre as políticas públicas nem sempre é evidente, dado o grande número de outros atores envolvidos no processo político, como grupos de interesse e lobistas.

Por meio dos estudos de Wietchikoski e Medvetz de entendemos que medir a influência dos *think tanks* de forma precisa é um desafio. Embora suas estratégias de influência sejam claras, como o fornecimento de ideias e recomendações a políticos, a efetividade dessas ações em moldar políticas específicas exige análises detalhadas de casos individuais. Como já citado anteriormente nesta sessão de estudo, apesar de serem atores importantes, os *think tanks* fazem parte de um ecossistema mais amplo de influência política, tornando difícil atribuir a uma única instituição a responsabilidade por mudanças ou diretrizes políticas específicas.

Pode se dizer então, que os *think tanks* desempenham um papel crucial no cenário político principalmente dos Estados Unidos, influenciando o debate público e as políticas por meio de suas ideias e conexões. E será a partir dessa influência norte-americana que iremos desenvolver um dos principais assuntos deste presente estudo, como esta capacidade de influência pode agir sobre países subdesenvolvidos, principalmente sobre a influência contra crescente hegemonia Chinesa.

3. Dinâmica entre Estados Unidos e seus *think tanks*

3.1 Influência dos *Think tanks* nos Estados Unidos da América

Após estudarmos os *think tanks* de forma extensa no último capítulo, será importante entendermos como de fato os *think tanks* afetam os territórios nacionais dos Estados Unidos, local de origem dessas instituições. Sendo assim neste capítulo estudaremos como as ideias formuladas pelos *think tanks* são capazes de interagir com o Estado dos EUA e com a sua política externa. Analisado desde como essas instituições são capazes de influenciar as políticas de bem estar social até a exportação de várias dessas políticas. Todas essas análises serão de extrema importância para entendermos como essas políticas são recebidas nos países subdesenvolvidos e como podem influenciar em áreas que não contêm a mesma cultura e funcionamento dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo que os *think tanks* nos Estados Unidos lutam pela reputação de conglomerados independentes e democráticos de informações, temos uma relação simbiótica com o Estado americano. A formulação de políticas estatais é comparada a teoria de Gramsci sobre hegemonia, sugerindo que os *think tanks* operam como "organizadores do processo de reforma intelectual e moral", moldando não apenas as políticas públicas, mas também as condições ideológicas sob as quais essas políticas são discutidas e adotadas. Em outras palavras, eles ajudam a construir um consenso entre a sociedade e as elites dominantes, sustentando o poder dessas últimas de maneira mais ampla do que apenas por meio da formulação de políticas específicas. (Regadas, 2015, p.294).

Também é importante lembrar que o impacto dos *think tanks* nos Estado Unidos possui um cunho singular, já que é nesse espaço que concentram-se a maior quantidade de instituições desse porte, o que torna a região um laboratório natural para entender como essas instituições se adaptam a diferentes contextos políticos e econômicos (Abelson e Lindiquist, 2002, p. 37). Esta adaptação e crescimento em números exponenciais no território americano acontece por conta de alguns fatores, entre eles: a estrutura política dos Estados Unidos, com seu sistema descentralizado e fragmentado, permitindo múltiplas fontes de formulação de políticas. Formulando assim um ambiente que favorece a diversidade de perspectivas e dá espaço para vozes parcialmente independentes a trazerem debates pertinentes (Abelson e Lindiquist, 2002, p. 43).

Em segundo lugar podemos atrelar a disseminação dos *think tanks* nos EUA como provenientes de uma tecnologia altamente desenvolvida, permitindo que eles expandam suas audiências e impactem o debate público de maneira mais rápida e abrangente. Utilizando a internet os *think tanks* abrangem incontáveis plataformas digitais, podendo divulgar suas pesquisas em tempo real, garantindo que seus insights estejam disponíveis tanto para formuladores de políticas quanto para o público em geral. Nos Estados Unidos, organizações como Brookings Institution e Carnegie Endowment for International Peace têm utilizado essas ferramentas para alcançar uma audiência global, fazendo parcerias e colaborando com instituições internacionais para aumentar sua influência além das fronteiras nacionais (Abelson e Lindiquist, 2002, p. 47).

A diversidade ideológica é outro aspecto fundamental que caracteriza os *think tanks* norte-americanos. Nos Estados Unidos, há uma ampla gama de instituições com diferentes orientações ideológicas, desde *think tanks* conservadores, como a Heritage Foundation, até organizações liberais e progressistas, como o Center for American Progress. Essa diversidade permite que os *think tanks* atuem como "advocacy tanks", promovendo ideias específicas e buscando ativamente influenciar a agenda política de acordo com suas crenças ideológicas (Abelson e Lindiquist, 2002, p. 48).

Quanto à especialização geográfica, os *think tanks* americanos diferenciam-se pela capacidade de focar em políticas em níveis estaduais e municipais, além de abordarem questões nacionais. Essa estrutura permite que *think tanks* menores e regionais, como o Public Policy Institute of California, influenciem diretamente as políticas locais, concentrando-se em desafios específicos de suas regiões (Abelson e Lindiquist, 2002, p 55). Essa segmentação geográfica possibilita que as instituições se tornem especialistas em questões locais, oferecendo soluções que atendam às necessidades específicas de suas comunidades e aumentando sua relevância e impacto nas políticas subnacionais.

Por conta de todas essas questões, os Estados Unidos tornou-se um local problemático enquanto a capacidade de definição clara dos *think tanks*, dada a ampla variedade de interesses, audiências e estruturas organizacionais. Apesar de serem organizações sem fins lucrativos e formalmente apartidárias, os *think tanks* compartilham o objetivo de influenciar as políticas públicas através de pesquisa e aconselhamento especializado. Entretanto, já que boa parte dos *think tanks* são financiados por instituições não governamentais cria-se uma dicotomia das ideias geradas. Um estudo provindo e financiado por grandes conglomerados, pode ser

enviesado para que quando atinja o patamar de influenciar uma política pública, favoreça o seu financiador.

Parte desse viés pode ser verificado a partir da avaliação de impacto que esses estudos surtem sobre as políticas públicas. Em termos de avaliação de impacto, o capítulo destaca que, embora seja difícil medir a influência exata dos *think tanks*, a visibilidade na mídia e a participação em comitês parlamentares podem servir como indicadores de relevância. Sendo os Estados Unidos um dos países que mais possui cobertura midiática. (Abelson e Lindiquist, 2002, p. 60).

3.2 *Think tanks* na formulação de políticas de bem-estar: Individualismo sobre a pobreza e assistência social

Podemos analisar essa capacidade de formulação de "processo de reforma intelectual e moral" a partir do quinto capítulo de Medvetz na obra "*Think tanks* in America" em que o autor traz como exemplo a mudança de foco no debate sobre a pobreza, que deixou de apresentar um paradigma de "privação" para que o sentimento de "dependência" surgisse.

Foi a partir da produção e disseminação de inúmeros estudos, relatórios e artigos que surge o movimento "coordenador" de assistência social nos Estados Unidos que vemos até os dias atuais. Os *think tanks*, conhecidos como conservadores, mobilizaram-se para publicar de forma conjunta estudos que apontavam como maior culpado o sistema de assistência social estadunidense, que reforçava em seus cidadãos a "cultura de direitos". Incentivando com que os benefícios fossem oferecidos sem que essa população oferecesse algo em troca. (Medvetz, 2012, p. 177)

Em meados dos anos 1962, impulsionados pela falta de dados autoritativos, o Centro de pesquisa de Survey da Universidade de Michigan introduziu um estudo que tinha como intuito utilizar um novo método de pesquisa para quantificar e melhorar o entendimento sobre a pobreza em território norte americano. Destas e outras pesquisas, tornaram-se públicos os números e explicações sobre a vulnerabilidade e condições de diversas famílias no país. Fazendo com que os projetos de assistência social tomassem maior notoriedade pois seria através destes que parte da desigualdade poderia ser diminuída. (Medvetz, 2012, p. 169).

Nesse contexto, a RAND Corporation teve um papel crucial na transformação da assistência social e do bem-estar americano durante o período de 1964 a 1980, ao contribuir

significativamente para o desenvolvimento de uma "indústria de pesquisa sobre pobreza". Com a criação do Escritório de Oportunidade Econômica (OEO) pela Lei de Oportunidade Econômica de 1964, a RAND, através de suas inovações em análise de sistemas, transferiu técnicas analíticas e pessoal para o OEO e outras agências, moldando a pesquisa em políticas sociais. Essa influência se estendeu ao surgimento de instituições como o Instituto de Pesquisa sobre Pobreza e o Urban Institute, que adotaram modelos analíticos da RAND para abordar questões de pobreza e bem-estar, refletindo uma abordagem tecnocrática para a produção de conhecimento na área social, com o objetivo de otimizar políticas públicas e melhorar as condições de vida dos cidadãos (Medvetz, 2012, p. 172-173).

Junto ao desenvolvimento de estudos que demonstravam como a pobreza no território estadunidense estava ligada a uma privação generalizada, apoiada por uma máquina de produção tecnocrática, surgiam também pensamentos expoentes ligados a um pensamento retrógrado que definia a pobreza em termos de patologia individuais e culturais. Entretanto estes pensamentos saíram do envoltório popular e passaram a ser tratados como estudos, de cunho neoconservadores, capazes de se apoiarem em linguagem científica e racional e defenderem o seu ponto de vista contrário perante os estudos já supracitados. Podendo ser possível citar estudos como de Daniel P. Moynihan que tratava a pobreza negra a uma cultura matriarcal que permitia a ilegitimidade, e sua posterior análise de como o crescimento econômico do país estava intrinsecamente ligado ao crescimento de beneficiários de assistência pública. (Medvetz, 2012, p. 173-174).

Especialistas como esses ligados aos *think tanks* foram fundamentais para validar a reforma da assistência social com argumentos supostamente científicos, que explicavam a importância de reestruturar o sistema para focar na responsabilidade pessoal e na autossuficiência. Usando como justificativa o fato dos Estados Unidos estarem em pleno crescimento e ligando as mais diversas minorias a diferentes problemas individuais (Medvetz, 2012, p.174). Contando com o apoio estratégico da mídia, que veiculavam ideias criticadas na academia, mas acabavam se encontrando com as opiniões de jornalistas e legisladores, que passaram a ver a redução da dependência ao Estado como uma meta política desejável. Essa mudança de perspectiva, promovida pelos *think tanks*, criou uma visão consensual de que os programas de assistência social estavam contribuindo para uma cultura de dependência e precisavam ser reformados para incentivar o trabalho e reduzir o número de beneficiários (Medvetz, 2012, p.177).

A partir da eleição de Ronald Reagan, por exemplo, conseguimos analisar como os estudos deixam de ser polarizados e começam a ser demandados, pelo menos uma boa parte, com os vieses que apontavam o sistema de assistência social como sendo de dependência. Isso ocorre pois após essa eleição, a própria Casa Branca instituiu que as pesquisas financiadas sobre o assistencialismo deveriam seguir essa diretriz. Desligando-se do Instituto de Pesquisa sobre pobreza da Universidade de Wisconsin e reduzindo abruptamente muitos investimentos sobre outras instituições que eram subsidiadas pelo governo dos Estados Unidos (Medvetz, 2012, p.176)

Fazendo parte desde o financiamento do primeiro estudo sobre assistência social, os *think tanks* conservadores constituíram não apenas um "novo consenso", como também tiveram um papel essencial na criação de políticas e recomendações práticas que, posteriormente, foram incorporadas na legislação. Um dos elementos centrais que emergiu desse movimento foi a imposição de requisitos de trabalho e limites de tempo para os benefícios, ambos estabelecidos na Lei de Reconciliação de Responsabilidade Pessoal e Oportunidades de Trabalho de 1996. Os *think tanks*, em parceria com congressistas e membros-chave do governo, como o presidente Bill Clinton, que acabou apoiando a reforma, foram capazes de inserir na lei essa visão de que a assistência social deveria ser temporária e condicional, centrada na responsabilização individual dos beneficiários.

Outro aspecto crucial da influência dos *think tanks* foi sua capacidade de marginalizar pontos de vista contrários que poderiam questionar a narrativa da dependência. Segundo Medvetz, essa marginalização ocorreu por meio da exclusão de estudos e argumentos que abordavam a pobreza a partir de fatores econômicos e sociais mais amplos, como a falta de acesso a empregos de qualidade e as desigualdades estruturais. Essa exclusão de ideias alternativas facilitou a hegemonia da visão dos *think tanks* conservadores, que passaram a dominar o discurso sobre a assistência social ao longo das décadas de 1980 e 1990. Essa visão, centrada na responsabilidade individual e na autossuficiência, veio a moldar as políticas sociais dos Estados Unidos, promovendo uma mudança significativa que ainda influencia a maneira como a assistência social é administrada no país.

3.3 *Think tanks* na influência da política externa dos EUA

Apesar de entendermos que os *think tanks* estão no âmbito internacional desde 1920, como vimos no primeiro capítulo, marcando importância principalmente nas duas Guerras

mundiais e na Guerra Fria, os primeiros *think tanks* focados em política externa surgem por volta de 1960. Institutos como o Institute for Policy Studies surgem com o intuito de oferecer visões alternativas ao pensamento dominante sobre segurança, política externa e desenvolvimento, abordando temas como direitos humanos e ordem econômica mundial. (Stone, 1996, p.194).

Nos EUA, o crescimento de think-tanks em Washington, DC, como o Henry Stimson Center e o Center for Security Policy, marcou uma era de especialização em subcampos de política de segurança e defesa, com cada um adotando abordagens distintas e níveis variados de análise. Outros exemplos, como o National Institute for Public Policy e o Institute for Defense and Disarmament Studies, revelaram um espectro que ia desde posições conservadoras até as progressistas (Stone, 1996, p.194). Evidenciando as já comentadas necessidades de adaptação que essas instituições muitas vezes precisam encontrar.

Partindo da "escola" menos idealista a qual a RAND é precursora, em 1980 destacaram um novo tipo de think-tank, mais profissional e menos idealista, como o Monterey Institute of International Studies. Com o campo de formulação de políticas se tornando mais complexo e segmentado, os *think tanks* precisavam, para serem capazes de desenvolver políticas e estudos, estar a par de "novos conceitos" como a globalização econômica que impulsionou o surgimento de novas instituições. Sendo estas essenciais para disseminação dos princípios neoliberais americanos (Stone, 1996, p.194)

O desenvolvimento da divisão de estudos das Relações Internacionais encabeçadas pela RAND pode caracterizar-se como um dos principais alicerces enquanto a posição dos *think tanks* na política externa dos Estados Unidos. Já que foi a partir do desenvolvimento de estudos sobre as RIs desta instituição, após a Guerra Fria, que se criaram métodos e conceitos capazes de caracterizar um estudo como pertinente para "circular o mundo". Possibilitando assim com que os Estados Unidos pudessem reciclar esta fórmula para outros *think tanks*, detendo uma forma de hegemonia tanto cultural a ser espalhada, quanto acadêmica para geração de estudos como esses. Sendo assim, entender os impactos da RAND institute no cenário internacional, é também entender como os EUA posicionaram se em relação à influência que essas organizações teriam sobre a sua Política Externa (Samaan, 2012, p. 135)

Especialistas e tomadores de decisão em países como França, Alemanha e até Qatar acabam incorporando terminologia e estruturas de pensamento desenvolvidas nos Estados

Unidos. Termos como "transformação" e "capacidades centradas em rede" são exemplos que foram assimilados em outras nações, refletindo uma "hegemonia cultural" americana sobre o debate militar e estratégico internacional. E são exportações de conceitos como esses que demonstram um essencialidade da RAND enquanto uma “disseminadora estratégica”, utilizando de suas publicações e pesquisas para estabelecer uma visão americana de como as questões militares e de defesa devem ser administradas. Em muitos casos, essa visão cria uma espécie de dependência intelectual, onde as ideias americanas não só influenciam, mas delimitam os debates estratégicos em outros países. Em um mundo globalizado, são movimentos como esses que “bombardeiam” ministérios estrangeiros de conceitos inicialmente propostos pela RAND, como "construção de nação" e "boa governança militar". (Samaan, 2012, p. 136)

A adoção destas problemáticas e conceitos advindos do exterior do Estado que o fez, muitas vezes pode aparentar uma absorção neutra, mas na verdade traz consigo uma construção normativa americana. Isso acontece porque a RAND apresenta suas pesquisas como objetivas e fundamentadas, mas, na prática, elas carregam valores e estruturas de pensamento próprios dos Estados Unidos, o que leva outros países a seguir essas ideias sem questionar suas origens culturais e políticas. Transcendendo o campo acadêmico e chegando até decisões práticas em políticas de defesa. Esse processo de “americanização” das ideias estratégicas é facilitado pela facilidade de acesso às publicações da RAND, disponíveis online para o mundo todo. No final, os conceitos disseminados pela RAND moldam a forma como outros países percebem ameaças e formulam suas próprias políticas de defesa, como o discurso anti oriental e mais precisamente anti chines por parte de vários Estados, principalmente europeus. (Samaan, 2012, p. 137)

Anteriormente ressaltamos que o *modus operandis* da RAND Corporation foi replicado em várias outras organizações do mesmo cunho nos Estados Unidos e no mundo. Portanto é importante entendermos quais foram os alicerces desenvolvidos para a excelência proposta por essa corporação. Em suma, tamanho desenvolvimento na disseminação de seus objetivos estão atrelados a abertura de escritórios no exterior, e nos esforços para integrar pesquisadores em redes internacionais e organizar programas de intercâmbio para líderes e funcionários de Ministérios da Defesa de outros países. Esses intercâmbios funcionam em prol de um benefício mútuo, para os pesquisadores americanos, é uma oportunidade de expandir sua influência e consolidar seu status. Para os visitantes, a experiência com a RAND serve como uma espécie de legitimidade simbólica ao retornarem aos seus países, já que ter passado por uma organização tão respeitada aumenta sua autoridade. Figuras como Stephen Larrabee, por

exemplo, atuam como “diplomatas de expertise,” representando as ideias americanas sobre segurança internacional em suas interações com países europeus. (Samaan, 2012, p. 143)

O continente europeu é uma área de influência essencial, dado a força Geopolítica que detêm. Sendo assim, por meio de estudos, a RAND Corporation promove uma política de incentivo para que os países europeus invistam em suas capacidades militares, buscando manter a interoperabilidade com o exército dos EUA. Esta política ganhou força após a Guerra Fria e inclui críticas à diminuição do orçamento de defesa em países como Alemanha e Espanha, além de destacar a necessidade de modernização tecnológica. Esse conceito de modernização, muitas vezes interpretado como aquisição de novas tecnologias, é uma premissa central para o desenvolvimento de uma força de defesa ocidental coesa e eficaz, conforme o modelo americano (Samaan, 2012, p. 146).

No entanto, a aceitação dessa hegemonia americana não é completa. Há uma “elite cosmopolita” de militares e intelectuais, socializados aos ideais estratégicos dos EUA, que impulsionam essa uniformização nos países aliados. Ao mesmo tempo, esses modelos estratégicos enfrentam barreiras culturais e políticas locais. A RAND utiliza intermediários locais e uma rede de apoio em diferentes países, consolidando sua influência na configuração das políticas de defesa europeias. Toda essa sessão sobre a RAND Corporation visa determinar como a política externa americana, embasada nos *think tanks*, influencia na formação das forças militares ocidentais.(Samaan, 2012, p. 149).

Outro exemplo é a criação de programas de formação continuada e escolas de doutorado, como a Pardee Graduate School, voltados para a educação de gestores e acadêmicos tanto americanos quanto estrangeiros. Esses programas enfatizam a aplicação prática do conhecimento estratégico americano, reforçando o uso de metodologias quantitativas e a análise sistêmica, especialmente em temas de segurança nacional e defesa. Essas iniciativas servem para “socializar” a comunidade epistêmica militar americana e estabelecer a RAND como referência. Visando assim a criação de debates intelectuais e políticos globais, contribuindo para definir e explorar conceitos como “modernização militar” e “construção de nações" , viabilizando assim assim uma espécie de globalização das questões americanas. (Samaan, 2012, p. 140)

Como exemplo também podemos citar duas instituições, posteriores a RAND, que demonstram que apesar de independentes, os *think tanks* inevitavelmente trarão influências

epistemológicas da influência ou local que vieram. O Institute for International Economics, que naquele momento tinha uma produção voltada a defender o livre comércio, e o Economic Strategy Institute, que criticava a ortodoxia do pós-guerra por priorizar o combate ao comunismo em detrimento do poder econômico. Esses institutos compartilham crenças normativas e metodológicas baseadas no individualismo racional e promovem a gestão multilateral da ordem econômica internacional.

No mundo atual a posição privilegiada dos Estados Unidos já confere um grau de influência de enorme tamanho. Contudo, somam-se a essa capacidade de influência, a detenção de tecnologias capazes de utilizar os métodos mais desenvolvidos existentes para disseminação de informações, tornam os *think tanks* inerentes à globalização. O acesso à internet de melhor qualidade e a comunicação instantânea permitem que esses institutos difundam suas pesquisas em tempo real e influenciem debates globais. Aumentando assim o alcance de instituições americanas como a Brookings Institution, que frequentemente se conecta com *think tanks* internacionais e expande sua influência além das fronteiras dos EUA (Abelson e Lindquist, 2000, p. 47).

3.4 *Think tanks* e o movimento conservador nos Estados Unidos

Neste subtópico esse estudo tem como intuito demonstrar a importância dos *think tanks* no movimento crescente de conservadores no território estadunidense, complementando o subcapítulo anterior que visava demonstrar como pela disseminação de estudos e ideias, os *think tanks* foram capazes de inverter uma corrente de pensamento importante como as políticas de assistencialismo popular. Sendo assim este trecho analisará como os *think tanks* foram capazes, junto com outros artifícios, de encabeçar todo um movimento conservador pelos Estados Unidos, e mudando não apenas um âmbito da sociedade, forjando um modelo de produção de textos caracterizados como “mercado de ideias” e sua desenvoltura capaz de possibilitar as “guerras culturais”. (Regadas, 2020, p.1).

A ascensão do conservadorismo nos Estados Unidos, iniciada de forma reativa a disseminação do liberalismo nos EUA, está intimamente associada com intelectuais, com a sua capacidade de formulação de ideias e posteriormente da sua disseminação, e com empresários que financiaram tais formulações e possibilitaram os instrumentos necessários para essa disseminação. Tais atores basearam-se em basicamente três pilares: uma aversão econômica ao New Deal e estado de bem estar formulado por esse, uma retomada das tradições,

da religião e da moralidade no âmbito social, e por fim, o combate ao comunismo por meio da unilateralidade de seu intervencionismo como o principal desenvolvimento de sua política externa (Himmelstein, 2023, p.15).

Foi importante para o desenvolvimento desse movimento, a capacidade de interligar as três bases de uma forma coesa e para que sua disseminação fosse palatável a boa parte da população. A forma a qual autores como Hayek e Buckley, autores importantes para o desenvolvimento do conservadorismo, fazem essa conexão partindo do pressuposto que o governo liberal de Roosevelt trouxe em suas bases o New Deal, aproximando este governo de presença estatal mais presentes, e por consequência baseando se em políticas de bem-estar social e abandonando o tradicionalismo. Essas conexões foram utilizadas em uma comparação exaustiva aos países comunistas, elevando as características do governo em questão como equiparadas aos países da União Soviética. Inúmeras comparações apelativas eram feitas, pelos autores que defendiam esse conservadorismo, esses alertavam sobre o distanciamento com a religião do governo de Roosevelt, tratando as mudanças que aconteciam nos Estados Unidos como moralmente erradas aos olhos cristãos. (Vidal; Wietchikoski, 2019, p.113).

A partir dessa perspectiva iniciou-se um trabalho de disseminação dos preceitos conservadores por instituições que ou seriam beneficiadas, ou mesmo acreditavam nesses “dogmas”. Pode-se observar a presença de denominações como a Spiritual Mobilization que empenhava-se na “pegação” contrária a políticas de bem estar social, que antes eram bem quistas por boa parte da população, já que foram essas que criaram uma rede de proteção social em meio a crise. Outra vertente importante estava dentro das próprias empresas, que por meio de seus programas de “ensino” implantava em seu chão de fábrica a ideia de que os benefícios trazidos pelo New Deal não compartilhavam com as visões dessas firmas para com seus funcionários. (Wietchikoski, 2019, p.113)

Parte desse movimento tornou-se confuso pois algumas afirmações pareciam se contradizer, e não necessariamente dialogavam corretamente entre si, tornando-o de certa forma, descaracterizado e fragmentado. Possibilitando assim um cenário de “emaranhado de ideias” ao quais dois grupos disputavam intelectualmente para qual seria o melhor liberalismo. Defendido por Hayek, Misses e Rand, a visão dessa formulação não deveria restringir-se apenas à área econômica, argumentando que o governo deveria ser mínimo em todos os aspectos, de forma a individualizar boa parte dos âmbitos sociais. Enquanto autores como Buckley, Nisbet, Weaver e Kirk concordavam com as questões econômicas dos outros autores, defendendo o

papel do governo em manter-se apenas como defensor da propriedade privada, reduzir impostos e desregulamentar o mercado. Entretanto para esses, era sim obrigação do Estado zelar pela moralidade da sociedade estadunidense. (Wietchikoski, 2019, p.114)

Em meio ao desenvolvimento caótico do conservadorismo na nação norte americana, o caminho de ascensão dos *think tanks* conservadores também encontra uma coexistência de dois grupos importantes para manutenção da existência desse tipo de instituições dentro do Estado americano. Teríamos o “establishment tecnocrático liberal”, e de outro lado, um grupo de intelectuais ativistas, majoritariamente conservador (Medvetz, 2012, p.176). Grupos esses que se diferenciavam pelas suas formações e ideologias. O primeiro grupo é formado por centros de pesquisa criados na primeira metade do século XX, que se baseavam em uma "crença comum em soluções técnicas para as crises do capitalismo". Esses centros frequentemente desempenhavam funções equivalentes às da burocracia oficial, sendo chamados de "proto-*think tanks*". Já o segundo grupo é composto por intelectuais ativistas, principalmente ligados à direita, que eram críticos da "razão tecnocrática" presente na ordem liberal. O apoio desses *think tanks* vinha, em grande parte, de um "movimento empresarial crescente, favorável ao livre mercado, que buscava ter controle sobre o campo econômico"(Regadas, 2020, p.5)

Essas instituições, que são equivalentes a precursores dos *think tanks* conservadores, desempenharam um papel significativo na introdução de uma nova forma de produção intelectual, menos baseada na objetividade acadêmica e mais voltada para a promoção de ideologias específicas. Essa mudança levou ao já mencionado "mercado de ideias", onde o debate público passou a ser orientado pela diversidade de opiniões em vez da neutralidade científica, marcando uma ruptura com a tradição liberal (Luiz, 2020, p. 5). E a partir de seu fortalecimento por meio de investimentos filantrópicos, a vertente conservadora dos *think tanks* construiu uma rede de centros de pesquisa que pudesse competir com as universidades e influenciar diretamente o debate público e as políticas governamentais. (Luiz, 2020, p. 10).

Em "Rightward bound: making America conservative in the 1970s" os autores Bruce J. Schulman and Julian E. Zelizer dissertam sobre vários âmbitos que contemplaram a expansão do movimento conservador nos Estados Unidos principalmente após a década de 70. Entre os pontos principais estão: as mobilizações políticas e midiáticas para uma disseminação maior de seus vieses, o recrutamento dos *think tanks* capazes desenvolverem e credibilizarem os estudos em uma rede de troca de informações (Schulman; Zelizer, 2008, p.5). Sendo essas instituições financiadas por um “capital de risco”, nome dado pela forma algumas fundações conservadoras,

com ativos relativamente limitados, qure tiveram um papel crucial ao oferecer uma espécie de capital essencial para a criação e o fortalecimento de *think tanks* conservadores, organizações de defesa, associações profissionais, institutos de pesquisa em universidades, publicações e outras entidades voltadas à promoção de políticas de direita a partir da década de 1970. Entre essas fundações destacam-se a Lynde e Harry Bradley, Adolph Coors, Earhart, JM, Koch Family, Sarah Scaife, Smith Richardson e, em especial, a Fundação John M. Olin. Apesar de suas abordagens diversas, variando do libertarianismo à direita cristã e ao neoconservadorismo, essas fundações forneceram um financiamento essencial para organizações como a Heritage Foundation, Cato Institute, Manhattan Institute e American Enterprise Institute, além de outras publicações e firmas de advocacia de "interesse público" conservador. Esse movimento ajudou a redefinir a filantropia voltada para a mudança social, antes associada principalmente à esquerda, e contribuiu para a ascensão da direita política nos Estados Unidos. (Schulman; Zelizer, 2008, p.157).

Apresentadas todas as nuances do processo de ascensão ao conservadorismo dos Estados Unidos, como os *think tanks* funcionavam em relação às suas divisões e financiamentos. Partiremos então para a explicação de como foram as trajetórias históricas e objetivas dos *think tanks* nesse processo, utilizando duas instituições como base: a American Enterprise Institute (AEI) e a Heritage Foundation. Entendendo que nesse momento as instituições base desse estudo já eram reconhecidas e legitimadas como centros de conhecimento e divulgação “neutros” (Wietchikoski, 2019, p.126).

O American Enterprise Institute (AEI) marcou o início da aproximação do movimento conservador com centros de pesquisa, desenvolvendo estratégias que, nos anos 1970, impulsionaram ideias conservadoras no cenário político. Em 1962, William Baroody assumiu a presidência do American Enterprise Institute (AEI), trazendo uma forte orientação conservadora ao think tank. Com experiência na Câmara de Comércio e uma postura crítica ao New Deal, Baroody se alinhou a líderes conservadores como Barry Goldwater e se aproximou de figuras republicanas como Richard Nixon e Gerald Ford. No AEI, foram criadas algumas estratégias nunca antes vistas para difundir ideias conservadoras, transformando o instituto em uma "fábrica de ideias" voltada ao público em geral e aos líderes políticos. Foram feitas investidas para disseminação do conservadorismo como a organização de seminários com líderes governamentais, incentivo de relacionamentos com empresários e assessores do Congresso e promoção de ideias de desregulamentação na economia. Outros focos desenvolvidos nessa época pela AEI seriam: reforma tributária e defesa nacional, ajudando a

expandir a presença das ideias conservadoras na formulação de políticas públicas (Wietchikoski, 2019, p.127-128).

A trajetória da AEI, por ter gerado um aumento de orçamento de 1 milhão de para 8 milhões de dólares, gerou interesse em outras instituições que desejavam desenvolver-se. Essas estratégias serviram de modelo para novos *think tanks*, incluindo a Heritage Foundation, fundada em 1973 como o primeiro think tank criado por conservadores. A Heritage inovou ao resumir extensas recomendações políticas em propostas mais curtas e palpáveis de serem entendidas, distribuídas aos congressistas antes das votações, buscando influenciar diretamente a formulação de políticas públicas em Washington. Esse foco em influência direta tornou-se uma característica estudada e replicada pelos *think tanks* conservadores posteriormente. A fundação também introduziu estratégias inéditas para inserir suas ideias diretamente entre os tomadores de decisão, incluindo um banco de contatos de assessores e políticos alinhados ao conservadorismo. ademais, tornou-se um espaço de formação para jovens líderes conservadores, oferecendo cursos e atuando como um ponto de encontro para futuros líderes republicanos. Durante o governo Reagan, a Heritage ganhou influência com o relatório "Mandate for Leadership", que serviu de guia para a agenda presidencial e destacou o papel estratégico da fundação em Washington (Wietchikoski, 2019, p.131-132).

Hoje, a Heritage Foundation é um dos *think tanks* mais influentes dos EUA, com um orçamento de US$90 milhões e uma equipe de 250 membros. Em 2016, suas publicações e conteúdos alcançaram milhões de americanos. Sua atuação se estende ao recrutamento de membros para altos cargos governamentais, como ocorreu no governo de Donald Trump, com dezenas de membros da Heritage ocupando posições estratégicas. A fundação permanece uma referência no movimento conservador, influenciando políticas e o debate público nos EUA (Wietchikoski, 2019, p.133).

É possível com essa análise do desenvolvimento do conservadorismo dos Estados Unidos, entendermos como os estudos, apresentados no subcapítulo anterior, sobre assistencialismo social foram progressivamente se transformando de uma interpretação mais social para uma noção individual. Já que existiu, em contraste com a abordagem tecnocrática das universidades, a priorização dos *think tanks* conservadores em produzir discursos ideológicos e políticas públicas alinhadas com o livre mercado e a responsabilidade individual. Essa nova abordagem foi fundamental para a redefinição do debate político nos Estados Unidos,

permitindo que os conservadores disputavam a hegemonia cultural e intelectual com o liberalismo acadêmico.

3.5 O financiamento estrangreiro sobre os *think tanks* americanos

Para que cheguemos ao fim da análise desse capítulo, que pretendeu demonstrar as principais influências dos *think tanks* em território estadunidense, vamos analisar um movimento contrário aos que vimos em todas as passagens até o momento. As instituições alvo deste estudo, como já supracitado, são essencialmente americanas, entretanto pela sua hibridez algumas dessas estão sendo levadas a influenciar o seu Estado natal de forma a beneficiar outros Estados, que funcionam como novos financiadores para os *think tanks*.

O artigo "Foreign Powers Buy Influence at *Think tanks*", publicado pelo the New York Times, analisa como governos estrangeiros têm se posicionado perante o financiamento de *think tanks* americanos para influenciar as próprias políticas dos EUA. Instituições como o Center for Global Development, reconhecidas mundialmente pela sua capacidade de influenciar em políticas públicas, receberam milhões de dólares de países como Noruega e Qatar para promover agendas específicas, como o aumento da ajuda americana em áreas de interesse desses doadores.

A dependência financeira dos centros de pesquisa se intensificou com a diminuição do apoio do governo dos EUA, tornando-os vulneráveis a doações de países estrangeiros. Esses financiamentos não são apenas apoio passivo; alguns contratos incluem expectativas específicas, como no caso da Noruega, que exigiu que o Center for Global Development promovesse suas políticas no Ártico e em mudanças climáticas (Lipton; Williams; Confessore, 2014, p.4).

Estudiosos participantes desses *think tanks* têm relatado um tipo de pressão e censura feitas para adaptação das suas análises, com pedidos por parte dos financiadores chegando a requisitar a omissão de parte das opiniões dos profissionais, quando os resultados das análises são desfavoráveis aos Estados pagantes. No Brookings Doha Center, por exemplo, foi relatado que as críticas à política externa do Qatar eram desencorajadas, sugerindo uma autocensura para manter o financiamento (Lipton; Williams; Confessore, 2014, p.7).

Além de promover suas agendas, governos estrangeiros veem essas doações como uma forma de garantir acesso aos formuladores de políticas americanos. O governo japonês, por

exemplo, financiou o CSIS para promover o Trans-Pacific Partnership (TPP), resultando em eventos e testemunhos que favoreceram o acordo, enfatizando sua importância para os interesses americanos na Ásia (Lipton; Williams; Confessore, 2014, p. 3). Assim, essas parcerias vão além do financiamento, envolvendo o uso dos *think tanks* como plataforma de acesso aos políticos e legisladores americanos.

Como o próprio nome desta monografia já apresenta, este estudo tem uma visão crítica e analítica do fenômeno dos *think tanks*. Em um contexto ao qual estivéssemos analisando unicamente o artigo publicado pelo New York Times, poderíamos ter a interpretação de que de fato os *think tanks* possuem uma grande neutralidade que estaria sendo "corrompida" pelos financiadores estatais. Entretanto, como já estudamos a capacidade de hibridez destas instituições, podemos afirmar que majoritariamente os *think tanks* estão coligados com algum tipo de viez ou intenção. Sendo assim, o que ocorre com esses países seria apenas uma resposta ao que os Estados Unidos fazem desde o início dos advocacy tanks.

Em alguns momentos da matéria, presenciamos a tentativa de comparação entre esses movimentos de "auto-censura" por pedido dos financiadores, com a venda ilegal de informções entitulada lobby. Entretanto, entende-se que dentro de instituições financiadas por grandes conglomerados ou até mesmo o governo dos Estados Unidos, a neutralidade não é a maior característica assimilativa dos *think tanks*. Weaver e McGann em sua obra intitulada "*Think tanks* & civil societies: catalysts for ideas and action" afirmam que o financiamento dos *think tanks* desempenha um papel crucial em suas operações. Em países onde há incentivos fiscais para doações, os *think tanks* conseguem maior independência, enquanto em nações com restrições ao apoio financeiro, eles tendem a depender do governo ou de organismos internacionais, o que pode limitar sua autonomia. Demonstrando que independente do financiador, o ambiente financeiro influenciará diretamente na agenda das instituições, uma vez que o apoio de fundações e doadores internacionais frequentemente leva os *think tanks* a se concentrar em questões de interesse dos financiadores (Weaver e Mcgann, 2002, p. 16-17).

Em nosso próximo subtópico veremos como essas influências acarretam sobre a América Latina e conseguiremos concluir como a disseminação do neoliberalismo e do conservadorismo americano impactam nos países do sul da américa.

3.6 *Think tanks* americanos e a sua influência na América Latina

Após a construção do entendimento dos *think tanks*, desde sua concepção e definição, passando pelo impacto de suas ações dentro do Estado dos Estados Unidos, e chegando na capacidade de influência globalizada por meio de suas internacionalizações, não se restringe a apenas abertura de filiais, mas também exportando ideais e valores americanos. Finalmente estudaremos como todos esses acontecimentos impactam e influenciam desde as grandes instituições, governos e até o cotidiano dos países pertencentes a América Latina.

Como forma de iniciarmos esse bloco, é de suma importância para esse desenvolvimento entender a capacidade de influência direta dos EUA sobre o território latino americano. O livro que já foi utilizado neste trabalho intitulado " *Think tanks* and civil societies : catalysts for ideas and action" contém em um dos seus capítulos, escritos sobre os *think tanks* na américa latina. Neste capítulo, a autora descreve um "atraso" sulamericano perante a adesão dos *think tanks*, justificando essa "demora" por meio dos governos totalitários ocorridos, devido aos golpes militares referentes aos integrantes. Entretanto é importante frisar a participação dos EUA na disseminação e apoio dessas ditaduras, demonstrando ao mesmo tempo que parte da privação inicial, foi essencial para esse "atraso", ao mesmo tempo que demonstra a capacidade de influêcia dos EUA sobre a américa latina.

Apesar de não ser o foco deste estudo, podemos ressaltar que há um crescimento dos *think tanks* próprios de países sul americanos surgindo, e se intensificando nos últimos 40 anos. Entretanto ressalta-se que a parcela significativa de financiamento internacional, especialmente de fundações americanas e europeias, foi essencial para a criação e a sustentabilidade desses *think tanks* na América Latina. Esse apoio permitiu a continuidade das operações e a formação de capacidades institucionais, especialmente durante os períodos de transição política e econômica (Truitt, 2017, p. 531).

Contudo, a dependência de financiamento externo trouxe desafios significativos. Muitos *think tanks* tornaram-se vulneráveis à influência estrangeira, o que frequentemente direciona seus projetos e prioridades de acordo com os interesses dos financiadores, prejudicando sua autonomia e identidade institucional (Truitt, 2002, p. 532). É explicado que muitos *think tanks* enfrentam o dilema de se associar a universidades ou outras organizações para garantir recursos e apoio. Embora essas parcerias sejam necessárias para a sobrevivência, elas frequentemente limitam a autonomia das organizações, tornando-se um modelo híbrido comum na região devido à restrição de financiamento (Truitt, 2002, p. 536). Sendo essas afirmações essencialmente ligadas com as acusações feitas no subcapítulo anterior, em que as denúncias

de influência sobre financiadores são levadas como escândalo. Pois a narrativa problemática sobre influências sobre essas instituições só surge quando o viés não é o norte americano.

Agora quando tratamos das influencia, presença e estudo sobre a América Latina por parte dos *think tanks* americanos, fica subentendido a importância desse conjunto de Estados enquanto "players" globais, sendo significantes o baste para estarem dentro da estratégia de prevenção e expansão do poder da estrutura hegemônica dos EUA. Estando interessados por exemplo no Brasil dos dois primeiros governos de Lula, que se impunha sobre o grupo em questão, demonstrando sua presença e influência regional (Teixeira, 2024, p.155). Chegando até a ser reconhecido por alguns institutos americanos como "uma democracia sólida em emergência, com uma economia notável em expansão" (Teixeira, 2024, p.168), que insistem em dizer que o Brasil já não deve ser mais alvo de uma "grande política", pela importância que desempenha em sua localidade. Sendo assim um ator que, na visão dos especialistas, requer políticas menores e mais específicas para que esteja alinhado com a "parceria bilateral" dos dois Estados (Teixeira, 2024, p.169).

Na cessão "A imagem dos *think tanks* americanos sobre o Brasil nos governos Lula 1 e 2: homogeneidade e baixa representatividade do país sobre si mesmo" presente no Livro "Uma parceria bicentenária: passado, presente e futuro das relações Brasil-Estados Unidos" a autora Tatiana Teixeira tem a oportunidade de entrevistar ex e atuais membros do Departamento de Estado, que por sua vez optaram por não serem identificados. Em suas falas, os entrevistados ressaltam os esforços dos *think tanks* em trabalhar de uma forma sutil em relação à influência local latino americana, alegando uma eficácia em seus intuitos principais: Agregar pessoas e ideias, contribuindo para uma disseminação enviesada capaz tornar uma ideia consensual ou o contrário (Teixeira, 2024, p.171).

Ainda quando tratamos sobre a produção de material científico por meio de instituições brasileiras, ainda nos deparamos com uma influência dada a partir de modelos e estratégias articuladas por redes internacionais, como a Atlas Network e a Red Liberal de América Latina. Sendo essas redes responsáveis pela difusão de ideias neoliberais e conservadoras, estabelecendo parcerias com instituições brasileiras para fortalecer narrativas e políticas específicas (CARLOTTO, 2018, p. 78). Sendo um dos focos de disseminação o meio acadêmico e universitário, que foi democratizado para classes menos privilegiadas, por meio de políticas públicas como o Fies e o ProUni.

Os *think tanks* americano também tem sobre si uma "régua"" medidora de influência internacional que se manifestado, sobretudo, na forma como moldam debates e políticas públicas através de redes internacionais. Essas redes não apenas articulam ideias e estratégias, mas também oferecem recursos financeiros e intelectuais para a promoção de agendas específicas. Instituições como o Instituto Millenium, por exemplo, têm lideranças com formação acadêmica nos Estados Unidos e fortes conexões com organizações norte-americanas, o que reforça a dependência de ideias e modelos estrangeiros no cenário nacional (CARLOTTO, 2018, p. 82). E será por meio de influências em países como o Brasil, principalmente na difusão de narrativas neoliberais e conservadoras, alinhadas a interesses econômicos e políticos específicos. Através de parcerias formais e informais, essas instituições ajudam a promover reformas econômicas e sociais que refletem uma agenda global de liberalização econômica e redução do papel do Estado. Esse alinhamento pode ser observado na forma como ideias como privatizações, desregulamentações e austeridade fiscal ganham força no debate público, frequentemente legitimadas por estudos e relatórios produzidos por esses centros de pesquisa (CARLOTTO, 2018, p. 78).

Ao final deste capítulo somos capazes de entender a capacidade de influência e também a importância dada por parte dos Estados Unidos enquanto o controle, estudo e "defesa" de um espaço essencial para sua política externa. Sendo assim, analisaremos enfim no próximo capítulo, as principais tomadas de decisão para barrar o Estado que se instaurou como principal rival estadunidense. Estudaremos como a China e os Estados Unidos promovem um combate em vários âmbitos, como o mercado tecnológico, mas principalmente sobre como se posicionam, um perante o outro, em relação aos países parceiros. Por fim finalizamos relacionando essas investidas, que partem dos EUA, por meio dos *think tanks*.

4. Estados Unidos e seus *think tanks* enquanto a influência chinesa na américa latina

4.1 Estado Unidos, Hegemonia e a China em uma visão coxiana

Para que este estudo esteja alinhado com os conceitos em que deseja se apropriar, anteriormente a análise alvo deste capítulo, faremos uma retomada sobre as teorias coxianas que tratam sobre a hegemonia a suas contrapartes, para que dessa forma passamos analisar as relaçõe entre Estados Unidos e China em um mundo contemporâneo.

A teoria crítica de Cox seria de cunho histórico pois contempla um propósito de transformação e uma visão de totalidade (Cox, 1981, 128-130). Este desenvolve sua teoria baseando-se em três pontos principais: a crítica ao sistema mundo e as suas "simples" derivações de posições dos Estados imersos neste, os estudos de Gramsci e Carr. Elaborando assim uma análise de cunho hegemônico capaz de identificar não apenas a hierarquização de poder de alguns Estados sobre os outros, mas também das classes e frações da sociedade capazes de subjugar as demais (Passos, 2022, p.2). Para este estudo entenderemos a posição privilegiada e hegemônica sendo ocupada pelos Estados Unidos, pois este se enquadra em não apenas uma sobreposição Estatal, mas também uma sobreposição econômica e de modos de produção sobre o nível internacional.

De forma avessa a hegemonia, Robert Cox conceitua a contra-hegemônia no plano internacional de três maneiras principais. Primeiro, ele a descreve como uma coalizão alternativa de Estados ao hegemon, apoiada por forças que abrangem desde as bases sociais até as elites, buscando uma consciência comum distinta da hegemonia vigente como parte de uma estratégia de transformação estrutural. Segundo, a contra-hegemônia pode se manifestar como uma ordem alternativa sem dominação, caracterizada pela difusão ampla de poder, sustentada por Estados e forças coletivas em torno de princípios universais. Por fim, no contexto interno de um Estado, ela pode ser entendida como uma luta pela construção de uma conjuntura histórica alternativa (Passos, 2022, p.3). E será dessa forma em que analisaremos se a China, em uma posição clara de desafiante do *hegemon,* consegue caracterizar-se como protagonista de uma contra hegemonia. Para que nos adequarmos às formulações de Cox, precisamos ter uma visão holística sobre o plano internacional, e de que forma a china trás com o seu desenvolvimento, estruturas de curto, médio e longo prazo que entram em conflito com formulações essencialmente americanas como a "exportação da Democracia e valores Universais", o próprio liberalismo e realçam o receio dos Estados Unidos enquanto uma questão

bélica bem desenvolvida na Ásia. Sendo assim, em meio aos próximos subcapítulos seguiremos discutindo posições chinesas como contra hegemônicas ou apenas desafiantes ao hegemon e em busca desse status.

Após a conceituação pertinente aos estudos de cox, façamos uma breve análise sobre as tensões políticas econômicas entre os Estados Unidos e a China, para que ao final entendamos o uso dos *think tanks* e de que forma eles se tornam pertinentes nessa disputa hegemônica. Esta rivalidade revela-se como um confronto multifacetado e profundamente enraizado em contextos históricos, econômicos e geopolíticos. No cenário contemporâneo, esse embate reflete as dinâmicas de poder global, com a China emergindo como um desafiante formidável à hegemonia dos Estados Unidos, especialmente em áreas como economia, tecnologia, governança global e militarização (Santino, 2023, p. 3-5)

O crescimento econômico exponencial da China nas últimas décadas é um dos principais motores dessa rivalidade. Enquanto os EUA mantêm o maior PIB mundial, a China se consolidou como o maior exportador e o principal parceiro comercial de inúmeros países, superando os americanos em várias frentes de comércio internacional. Esse avanço não apenas intensifica as tensões econômicas, mas também coloca em xeque a liderança americana em fóruns multilaterais e financeiros, como o Banco Mundial, desafiados pela Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, liderados pela China (Santino, 2023, p. 9-12)

Além da dimensão militar, que apesar de ser dominada pelos EUA, vem preocupando a potência já que a modernização e expansão do poder militar chinês tem sido desenvolvido de forma rápida. Este estudo foca na competição ideológica e cultural entre os dois países que se destaca. Os EUA tradicionalmente promovem uma narrativa baseada em democracia e direitos humanos, enquanto a China enfatiza sua abordagem de desenvolvimento econômico acelerado e tecnocrático como modelo alternativo. Apesar disso, ambos os modelos enfrentam críticas internas e externas devido às desigualdades e crises sistêmicas que perpetuam (p. 23-26)

Já sobre a óptica sul americana, as preocupações norte-americana em relação à presença chinesa na América Latina são contidas, já que a China não representa, no curto prazo, uma ameaça militar à região. Ao invés disso, a competição entre as duas potências ocorre principalmente no campo econômico (Escude, 2014, p. 74). E quando analisamos as parcerias econômicas, principalmente no mercado do primeiro setor, a China já desempenha um papel

essencial na criação de receitas por parte da compra desses produtos (Escude, 2014, p. 76). Ademais, vemos a preocupação dos Estados Unidos enquanto as parcerias tecnológicas e que visam defesa sino-lantino-americanas, e serão sobre essas parcerias que estarão boa parte das mobilizações dos *think tanks* americanos.

Ainda sobre a compra de produtos primários, a presença chinesa trouxe um impacto estrutural no comércio exterior latino-americano, transformando a matriz econômica de muitos países. A necessidade de segurança alimentar e energética da China tem impulsionado sua demanda por recursos sul-americanos, criando ao mesmo tempo novas oportunidades de exportação para a região, mas também a possibilidade de desindustrialização e reprimarização (Escude, 2014, p. 78), que serão tratados no próximo subtópico.

4.2 China e a influência na América Latina

Analisando as relações entre China e América Latina, que têm se intensificado desde os anos 2000, a potência asiática tornou-se o segundo maior destino das exportações da região e um dos principais investidores, especialmente em setores como energia, mineração e infraestrutura. Podemos analisar essa cooperação por meio do plano de política externa chine que segue uma estratégia conhecida como “1+3+6” enquanto a América latina. Possuindo como significado para tal, um único plano de cooperação para toda a região, três pilares para relações sino-latino-americana: comércio, investimento e crédito. Por fim, seis áreas principais de cooperação: energia e outros recursos naturais, infraestrutura, agricultura, manufatura, inovação científica e tecnologia da informação (Pereira, Garcia, 2021, p. 195).

O investimento chines ná América Latina tem crescido nas últimas décadas, tomando o posto de maior investimento no continente em termos de fusões e aquisições em 2017 e somando U$134,77 bilhões em investimentos diretos no período de 2000 até 2019 (Pereira, Garcia, 2021, p. 193). O Estado que detém o status de maior alvo dos investimentos em questão é o Brasil, contendo 36% do montante. Já a área que fica em primeiro lugar “disparado” é a área energética, contendo 57% dos investimentos, seguidos pela exploração e manuseio de metais com 28% (Pereira, Garcia, 2021, p. 194). Com esses números é possível entender que o progresso econômico chinês, complementa as economias sul-americanas com uma parceria essencial, representando uma oportunidade significativa para a região, desde que administrada com competência e ética. (Escudé, 2014, p. 65).

A presença chinesa na região é acompanhada por narrativas de cooperação Sul-Sul embasada em uma política horizontal que visa o ganho bilateral, conhecido como "*win win*". Sendo uma afirmativa recorrente do presidente Chines, Xi Jinping, que a China e a América Latina são fortemente complementares em suas estratégias de desenvolvimento e estruturas econômicas. Entretanto, na prática, as relações econômicas reforçam o modelo primário-exportador da América do Sul, o que alimenta críticas de dependência e desigualdade. Isso pode ser afirmado por exemplo pela análise dos setores que estão associados a conflitos socioambientais, como poluição e desrespeito a direitos indígenas. Esses conflitos refletem as tensões entre as forças sociais envolvidas, como comunidades locais, movimentos ambientais e empresas multinacionais (Pereira, Garcia, 2021, p. 196). E será esse tipo de dinâmica que evidenciará as contradições do modelo atual e tendem a alocar a China em uma disputa pelo *hegemon* com os EUA, mas não necessariamente contra-hegemônica. Já que o investimento está majoritariamente enraizado no uso mútuo de produtos do primeiro setor, que além de serem potencialmente mais poluentes, mantém o status da América Latina enquanto um exportador majoritariamente primário

Conflitos envolvendo empresas chinesas revelam como as forças sociais em disputa moldam a realidade. Empresas de energia e mineração estão frequentemente envolvidas em violações de direitos sociais e ambientais. Por outro lado, movimentos locais e organizações de justiça social desafiam esse modelo, mostrando o potencial das forças contra-hegemônicas em propor novos imaginários e modelos de desenvolvimento (Pereira, Garcia, 2021, p. 196-198).

É importante ressaltar que mesmo em situações não contra hegemônicas a China possui uma visibilidade menos problemática do que os Estados Unidos na américa Latina. Neste contexto, os Estados Unidos têm historicamente imposto sanções severas a países que desafiaram seus interesses estratégicos, como exemplificado pela crise dos mísseis de Cuba e pelas políticas contra a Argentina na Segunda Guerra Mundial. Em contraste, a abordagem da China é vista como menos agressiva, priorizando a cooperação econômica e evitando ações que poderiam prejudicar suas relações na região (ESCUDÉ, 2014, p. 67-68)

Além disso uma das facetas mais importantes para os Estados latino americanos em relação a parceria sino-latino-americana seria o desenvolvimento de ciência e tecnologia, e será por meio deste que serão criados mecanismos para legitimação do "sonho chines", proclamado por Xi Jinping, que retoma a grandeza de antigas dinastias e uma capacidade de múltipla abordagem por meio da inovação, impondo-se assim internacionalmente (Cunha; Queiroz;

Barros-platiau, 2023, p.14). A China é um Estado chave no que se pode chamar de revolução tecnológica em curso e está alocada entre as mais importantes economias para o comércio e investimento mundial. E como aproveitamento dessa posição podemos usar como exemplo os 35 atos bilaterais assinados entre a China e o Brasil, que visam ilustrar a inclusão de empresas públicas e privadas em áreas estratégicas como: nanotecnologia, nuclear, sensoriamento remoto, tecnologia de informação, segurança, cibernética e etc. (Cunha; Queiroz; Barros-platiau, 2023, p.14). E será essa coalizão, que mesmo em um estágio embrionário, que preocupará os Estados Unidos, pois há uma sinalização pragmática referente a essa conjunção. Podendo assim fortalecer forças contra-hegemônicas, não necessariamente pela participação chinesa, mas também pelo fortalecimento de uma periferia internacional no quesito tecnologia, um dos principais fatores que compõem o poder de um Estado (Cunha; Queiroz; Barros-platiau, 2023, p.14).

Dessa forma essa análise destaca em questão ressalta que a América Latina ocupa uma posição estratégica no contexto das mudanças na ordem mundial, devido à disputa de hegemonia entre EUA e China. Apesar de a região não estar no centro das políticas externas desses países, embora a influência direta dos Estados Unidos ainda seja hegemonia, entendemos que a integração chinesa nos últimos se iniciou pelos campos primários, mas evolui para outros âmbitos. Sendo assim, ambos buscam aumentar sua influência, reforçando a relevância de estudar as forças sociais e os conflitos locais para entender essas dinâmicas globais (Pereira, Garcia, 2021, p. 197-198).

4.3 *Think tanks* como um artifício ofensivo americano contra a China na disputa internacional de semicondutores e microchips

Para que enfim consigamos analisar as capacidades ofensivas dos *think tanks* americanos em relação à influência chinesa na américa latina, passamos a princípio por uma das investidas dessas instituições sobre as principais questões recorrentes entre as duas maiores potências mundiais.

A rivalidade entre os Estados Unidos e a China no setor de tecnologia de chips semicondutores é um tema que constantemente é analisado por *think tanks* americanos. Segundo estudos recentes, a ascensão da China nesse campo é percebida como uma ameaça estratégica significativa pelos Estados Unidos, o que tem levado a ações políticas para conter o

avanço chinês. Essa competição, além de tecnológica, envolve questões de segurança nacional, geopolítica e liderança econômica global (HE & YANG, 2024, p. 98)

A dependência mútua nas cadeias de suprimento de semicondutores é o ponto mais crítico que resulta em uma disputa tão importante para os rumos da disputa hegemônica. Enquanto os EUA dominam tecnologias avançadas e requisitam uma quantidade abrangente de semicondutores para continuidade e maior desenvolvimento de seus avanços tecnológicos, a China tem expandido rapidamente suas capacidades de fabricação, como demonstrado pelo avanço no desenvolvimento de chips de 7 nanômetros. No entanto, analistas ressaltam que, apesar do progresso, a China ainda depende de equipamentos e know-how estrangeiros, para a produção de chips de ponta (HE & YANG, 2024, p. 103)

Os *think tanks* americanos identificam duas abordagens principais para os EUA enfrentarem a ascensão da China: reforçar sua própria vantagem tecnológica e implementar medidas para limitar o progresso chinês. A primeira abordagem inclui iniciativas como aumentar o financiamento em pesquisa e desenvolvimento e fortalecer a infraestrutura industrial de semicondutores, como sugerido pela Brookings Institution e o Belfer Center. Já a segunda é focada em sanções e controle de exportação de tecnologias críticas para a China, estratégia que é motivo de divergência entre especialistas devido a seus impactos econômicos globais (HE & YANG, 2024, p. 101)

Entretanto, ao mesmo tempo que os *think tanks* incentivam políticas capazes de retardar o desenvolvimento chines, essas instituições também destacam o impacto das políticas de sanções dos EUA na economia global. Embora restrições à venda de semicondutores avançados para a China tenham o objetivo de desacelerar seu progresso, essas medidas também prejudicam empresas americanas que dependem do mercado chinês. Cerca de 30% das vendas de empresas como Intel e Nvidia vêm da China, e o impacto dessas sanções pode reduzir os lucros destinados a pesquisas futuras, o que a longo prazo pode ser muito prejudicial ao país e suas empresas que adotaram políticas de *off shoring*. (HE & YANG, 2024, p. 104).

Outro tema abordado é a segurança nacional. A crescente capacidade tecnológica da China é percebida como uma ameaça direta aos interesses militares dos EUA, dado o papel central dos chips em sistemas avançados de defesa e comunicação. A dependência de fornecedores chineses para materiais críticos também é vista como um risco estratégico, levando os EUA a buscar maior autossuficiência na cadeia de suprimentos (HE & YANG, 2024,

p. 105). Uma capacidade de fornecimento alcançada por tratados, como os supracitados, de cunho exploratório sob a cadeia primária dos países da América Latina.

É explícito então que mesmo os *think tanks* americanos concordando que uma uma cooperação mútua seria mais benéfico, aos dois países que disputam hegemonicamente o cenário internacional, fica claro a mobilizações estadunidense e desses institutos em implantar formas de desincentivar o progresso chines no âmbito dos microchips. *Think tanks* americanos conservadores portam-se de forma a incentivar a criação de uma aliança tecnológica que visa impor um bloqueio tecnológico e formular contramedidas à China impedindo assim que essa contemple um fluxo de transferência de tecnologia (HE & YANG, 2024, p. 104).

Esse tipo de mobilização demonstra não apenas a capacidade de influência dos *think tanks* americanos, mas também demonstra a legitimidade que conquistaram para si, ao ponto de serem visualizados como uma fonte confiável para o desenvolvimento de barreiras e conceções internacionais. E tornando-se dominantes em um dos assuntos geopolíticos mais importantes do século XXI, demonstrando que assim também o fará sobre o território latino americano e a sua coligação com o Estado chines.

4.4 *Think tanks* como um artifício ofensivo americano contra a China em sua campanha de aproximação com a américa latina

A influência crescente da China, principalmente quando atrelada ao desenvolvimento mútuo de tecnologia e defesa, na América Latina tem gerado preocupações significativas entre os *think tanks* dos Estados Unidos, refletindo abordagens e visões distintas sobre como enfrentar esse desafio. O debate central gira em torno da percepção da ascensão chinesa como uma ameaça ao poder hegemônico americano no Hemisfério Ocidental, com posições fundamentadas a partir da presença econômica e política da China na região. Especialmente no que tratamos no subcapítulo das relações sino-latino-americanos, com o acesso a matérias-primas estratégicas como petróleo. Essa presença então é vista como uma potencial ruptura desse equilíbrio, fazendo com que os EUA mobilizem-se para impedir a possibilidade que países latino-americanos possam usar a aproximação com a China como forma de adotar posturas mais independentes em relação à influência americana, desafiando a posição geopolítica dos Estados Unidos na região (Nolte, 2013, p.589).

Apesar de uma parcela de investidores e intelectuais se manterem amenos aos avanços chineses sobre o mercado latino americano, podemos verificar algumas investidas provocativas

em relação aos mesmos. O Canal do Panamá por exemplo é citado como estando sob parte de controle dos chineses, enquanto na verdade, apenas alguns investidores chineses fazem parte de uma das empresas que detém algumas instalações do canal. Ou como outro exemplo, a ponderação de que cada barril de petróleo comprado pela China, a partir da américa do sul, é na verdade um barril a menos no comércio ocidental e por consequência a menos no mercado estadunidense (Nolte, 2013, p.590).

Gerando assim inúmeros debates por parte dos especialistas que visualizam uma possibilidade de visão triangulada em Estados Unidos, China e América latina. Sempre relembrando que as duas potências não são as únicas interessadas na região, podendo ser citadas como outros parceiros: a União Europeia, a Índia e etc. Entretanto também é de suma importância a posição multifacetada da américa latina que, mesmo não sendo uma unidade política, concorda que as relações devem ser amistosas (guardadas as devidas situações), para que não seja trocado uma parceria pela outra, ou até mesmo a influência de dois hegemons entre de forma abrupta em seu território (Nolte, 2013, p.590).

O primeiro ciclo de debates dos *think tanks* sobre a presença crescente da China na América Latina, iniciado em 2004-2005, foi iniciado a partir das visitas diplomáticas chinesas de alto nível, como a do presidente Jiang Zemin em 2001 e a de Hu Jintao em 2004, que anunciaram investimentos bilionários na região. Essas iniciativas renderam à China maior atenção midiática, superando o presidente americano George W. Bush, que também esteve presente na cúpula da APEC em Santiago, Chile, no mesmo período. Contudo, a percepção americana de ameaça foi inicialmente moderada, já que os Estados Unidos ainda mantinham predominância econômica, política e cultural na América Latina, sendo o principal parceiro comercial e investidor. Além disso, não havia evidências de uma ameaça militar chinesa direta, embora preocupações futuras fossem levantadas sobre avanços chineses em inteligência e guerra cibernética, especialmente relacionados a possíveis atividades de espionagem na região (Nolte, 2013, p.592).

O segundo ciclo de preocupações dos EUA com a influência da China na América Latina começou na década de 2010, quando os impactos da crise financeira de 2007-2008 enfraqueceram a economia americana, enquanto o comércio chinês na região continuava a crescer rapidamente. Entre 2000 e 2011, a participação dos EUA no comércio latino-americano caiu significativamente, enquanto a China se consolidava como um importante parceiro econômico, superando os EUA em países-chave como o Brasil. Além do comércio, a China

ampliou sua presença por meio de investimentos e empréstimos, comprometendo cerca de US$75 bilhões para a América Latina desde 2005, valores que em 2010 superaram os do Banco Mundial e de outras instituições combinadas. A estratégia chinesa inclui empréstimos sem condicionalidade política, mas geralmente vinculados à compra de produtos chineses ou ao fornecimento de petróleo, fortalecendo sua influência econômica e geopolítica na região (Nolte, 2013, p.593).

Entre 2016 e 2021, *think tanks* como o Brookings Institution, o Center for Strategic and International Studies (CSIS) e, mais recentemente, o Jack Gordon Institute for Public Policy da Florida International University (FIU) destacaram-se por suas análises sobre a influência chinesa na América Latina. Essas instituições promovem pesquisas que frequentemente resultam em apresentações públicas em Washington, DC, envolvendo oficiais, políticos e diplomatas, criando um espaço importante para discutir essas questões. Os principais assuntos tratados nessas pesquisas estão alinhados com a concepção de que a presença da China desestabiliza a relação hegemônica criada pelos EUA com a América Latina, por meio de uma "relação triangular" (Serbin, 2022, p.8).

Outra área de estudo que os *think tanks* veem como necessária, é o comércio bélico entre a potência asiática e alguns países da América do Sul. Os principais Estados compradores são Venezuela, Equador e Bolívia que beneficiam-se de compras militares capazes de progredir o seu arsenal e desenvolvimento bélico com um preço abaixo aos que eram utilizados por outros parceiros, no caso os Estados Unidos. Aos olhos estadunidenses, esse tipo de comércio possibilita um avanço tecnológico nas áreas de defesa, em países que historicamente eram submissos e sujeitos a sanções, principalmente a Venezuela, criando assim uma necessidade de tentativa de diminuição dessas interações. Mesmo em uma prospecção de que nos próximos anos as nações em questão devem se aproximar ainda mais (Nolte, 2013, p.594).

As preocupações americanas com o avanço da China na América Latina se concentram nos impactos geoeconômicos e estratégicos dessa presença crescente. Embora alguns analistas considerem que os investimentos chineses tenham efeito limitado nos interesses dos EUA, outros apontam que o aumento do comércio e dos investimentos da China na região pode minar a capacidade dos Estados Unidos de implementar sua agenda política e econômica. Um dos temores é que as relações econômicas mais profundas entre a China e países latino-americanos ofereçam alternativas aos governos da região, permitindo que eles busquem desenvolvimento sem depender de instituições financeiras ocidentais, como o FMI e o Banco Mundial. Isso pode

levar regimes hostis aos EUA a evitarem consequências por ações que contrariem os interesses americanos, como a inadimplência em empréstimos ou a nacionalização de indústrias estratégicas, enfraquecendo a influência dos EUA na região (Nolte, 2013, p.594).

É estas relações com instituições financeiras promovidas pela China fara com que Evan Ellis em seus livros e artigos explore como a presença ampliada desse tipo de empresas chinesas na América Latina marca uma nova etapa no relacionamento regional, impactando dinâmicas sociais, políticas e os interesses dos próprios países, além de influenciar suas relações com os EUA. Ele enfatiza o componente estratégico da atuação chinesa na região, que vai além da economia e apresenta desafios significativos aos interesses americanos em um contexto de mudanças no sistema internacional. Suas análises culminam em recomendações estratégicas para os EUA, publicadas e apresentadas em fóruns governamentais e comitês do Congresso, destacando a importância de uma resposta abrangente para lidar com essa transformação (Serbin, 2022, p.9).

E será nesse tipo de congresso que Ellis fará afirmações sobre seus estudos em 2020, o autor enfatizou o que ele descreve como as "intenções maliciosas da China" na América Latina. Ele argumenta que a China aproveitou a vulnerabilidade econômica causada pela pandemia de COVID-19 para expandir sua presença, em um movimento comparável à sua ascensão após a crise financeira de 2008. Segundo Ellis, essas ações não apenas fortalecem a influência chinesa, mas também representam uma ameaça à democracia na região, devido à receptividade de governos populistas aos interesses chineses. Além disso, ele alerta para os riscos à segurança e ao posicionamento estratégico dos Estados Unidos, que enfrentam uma crescente perda de influência diante da expansão chinesa na América Latina (Serbin, 2022, p.10).

Sendo então por meio desse tipo de mobilização por parte dos *think tanks* e intelectuais americanos na área que podemos averiguar as duas principais formas de combate ao aumento da influência chinesa na américa latina. Em um momento podemos ter uma mobilização com estudos e pesquisas que visam “denunciar” as ações chinesas, ressaltando as suas problematizações. E em segundo plano temos uma mobilização extensa para o desenvolvimento de pesquisas capazes de captar cada ação chinesa na América Latina, sejam elas parcerias, tratados, incentivos fiscais e etc. Esse tipo de estudo e apresentação possibilita uma posição reativa dos Estados Unidos de forma mais eficaz e rápida, principalmente no que diz respeito à segurança do que um dia já foi tratado como “quintal americano”.

Considerações Finais

Como forma de amálgama das informações e capítulos deste trabalho é importante reforçar a importância estratégica dos *think tanks* no cenário político contemporâneo, evidenciando sua capacidade de moldar agendas públicas e influenciar políticas tanto em nível nacional quanto internacional. Originalmente concebidos como centros de pesquisa e análise técnica, essas instituições evoluíram para se tornarem atores chave na competição geopolítica, especialmente no contexto das relações entre os Estados Unidos, a China e a América Latina. Como este estudo parte da conceituação base e história dos *think tanks*, entendemos a trajetória repleta de investidas conservadoras e neoliberais a essas instituições, podemos nos levar até para outras pesquisas mais aprofundadas no rompimento do comprometimento inicial dos *think tanks* para as suas participações atuais

Na América Latina, os *think tanks,* entendidos como uma criação essencialmente americana, desempenharam um papel histórico na consolidação de valores neoliberais e no fortalecimento de laços com os Estados Unidos. No entanto, um novo campo de competição estratégica cresce perante a presença da China na região, e será a disseminação desse tipo de instituição e de suas ideias, na América Latina, que trará esforços externos e internos da região para monitoramento do hegemon em questão. A pesquisa revela que os *think tanks* têm sido fundamentais na formulação de respostas americanas a esse avanço, destacando as implicações econômicas, políticas e de segurança da expansão chinesa. Nesse contexto, a pesquisa apontou como os *think tanks* funcionam como ferramentas para legitimar estratégias de poder, frequentemente negligenciando a diversidade e as demandas locais dos países latino-americanos. Sendo de suma importância para esse estudo, inferir que os *think tanks* são utilizados na américa latina, como não apenas a tentativa de barrar os avanços e acordos chineses, mas também estão a todo momento estudando os movimento chineses, o que cria uma base de dados extensa possibilitando a tomada de decisões posteriores.

A capacidade coercitiva interna dos *think tanks* pode ser entendida a partir da análise feita sobre o estado de bem-estar e no aumento do movimento conservador nos próprios EUA e deve ser estudada perante a sua capacidade de externalizar esse tipo de narrativa, sendo nessa posição que esse estudo se encaixa. E quando observamos a influência e legitimidade dada sobre as instituições natais dos Estados Unidos em territórios como o Brasil, entendemos que grandes fontes de criação de estudos, como a Fundação Getúlio Vargas, estão alinhadas com pautas

américas a fim de serem reconhecidas internacionalmente. O que nos trás outras dúvidas, como não bastasse uma tentativa externa de disseminação de preceitos neoliberalistas e conservadores que o país hegemônico em questão advoga, ainda temos uma força interna, que apesar de criar estudos e ajudar no desenvolvimento acadêmico do Brasil e da região latino-americana, ainda estão alinhados com os preceitos externos, em busca de uma validação internacional dessas mesmas pesquisas?

A sessão que trata sobre a notícia do New York Times traz um confronto de perspectivas essenciais para o objetivo dessa pesquisa. Neste trecho fica evidente, como forma de reclamação de algumas instituições financiadas por outros Estados fora dos EUA, que fazem requisições enviesadas em relação às pesquisas geradas por essas instituições, implicando em uma forma de "perda de neutralidade". Sendo assim, se outros Estados financiadores são capazes de interferir nas pesquisas que estão financiando, de que forma os Estados Unidos estariam isentos deste tipo de manipulação? Esse tipo de pergunta se confronta com um dos principais pontos caracterizante dos *think tanks*, a neutralidade, entretanto corrobora com um outro ponto ressaltado por Medvetz, a capacidade adaptativa e hibridez dos *think tanks*.

Portanto, será por meio dessa maleabilidade vocacional dos *think tanks* que os Estados Unidos conseguiram interferir e estudar a influência chinesa, dentro de um território que um dia já esteve majoritariamente sobre a sua "chancela". Diferente da forma em que alguns *think tanks* têm lidado com a disputa de microchips, com algumas afirmações claras baseadas em um consenso entre os países ocidentais para um tipo de boicote ao comercio de microchips com a potência asiática, as ações enquanto as parcerias sino-latino-americanas ainda se mostram moderadas.

Entretanto esta moderação não deve ser confundida com indiferença, a preocupação com as aproximações entre América Central e América do Sul com a China enquanto a pauta de desenvolvimento de tecnologia de defesa é alarmante pela proximidade aos Estados Unidos e um território que já vivenciou tipos de supervisão como a "doutrina monroe". Mobilizando-se para impedir a possibilidade que países latino-americanos possam usar a aproximação com a China como forma de adotar posturas mais independentes em relação à influência americana, desafiando a posição geopolítica dos Estados Unidos na região.

Serão pautas como essa, investimentos e compra de commodities que demonstrarão a mobilização dos *think tanks* americanos sobre a parceria em questão. Algumas notícias

provindas de intelectuais ligados a essas instituições apontam que um grupo de acionistas chineses possuem parte do controle do canal do Panamá, enquanto na verdade, apenas alguns chineses são acionistas de uma das empresas que compõem o canal do Panamá. Ou mesmo algumas declarações que explicitam que cada vez mais o petróleo será vendido para a potência chinesa, gerando um desfalque no mercado de petróleo ocidental.

Com a organização de três rodadas de pesquisas de *think tanks* americanos sobre a pauta em questão, podemos ao menos mensurar que há preocupações com o impacto estratégico e econômico do avanço da China na América Latina. Enquanto algumas instituições veem os investimentos chineses como de efeito limitado, outros acreditam que o fortalecimento do comércio e das parcerias econômicas com a China pode reduzir a influência americana na região. A maior preocupação é que os países latino-americanos, ao se aproximarem da China, possam buscar alternativas às instituições financeiras ocidentais, como o FMI e o Banco Mundial. Isso permitiria que regimes hostis aos EUA evitassem sanções ou consequências econômicas, enfraquecendo ainda mais o poder dos Estados Unidos na região.

Dessa forma alguns autores direcionam suas pesquisas em busca de "intenções maliciosas da China" o que pode sim prejudicar parte das relações entre a parceria sino-latino-americana. Análises complexas entre as movimentações em questão envolvendo as duas regiões e afirmações como o “aproveitamento” da vulnerabilidade econômica da pandemia de covid-19 por parte chinesa, não deixam de ser formas de investidas estratégicas, mesmo que não diretas, essas possuem intenção de enfraquecer as relações sino-latino-americanas e podem caracterizar uma tentativa de “boicote” por parte estadunidense.

Este estudo ainda se posiciona de forma a trazer questionamentos sobre o posicionamento de manutenção hegemônico americano perante toda essa situação, e principalmente para entender os caminhos escolhidos pela China para rivalizar com o *hegemon* em questão.

Bibliografia

CARLOTTO, M. C. Inevitável e imprevisível, o fortalecimento da direita para além da dicotomia ação e estrutura: o espaço internacional como fonte de legitimação dos *Think tanks* latino-americanos. Plural - Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 1, p. 63–91, 2018.

COX, R. W. Social forces, states and world orders: beyond international relations theory. Millennium v. 10 n. 2, p. 126-155, 1981.

Cunha; Queiroz; Barros-Platia., A. Ciência, Tecnologia e Inovação como elemento identitário entre China e América Latina. Icts.unb.br, 2023.

Donald E. Abelson and Evert A. Lindquist *Think tanks* in North America in: MCGANN, J. G.; R. KENT WEAVER *Think tanks* & civil societies : catalysts for ideas and action. New Brunswick, N.J. (U.S.A.): Transaction Publishers, 2002. p. 37-66.

Escudé, Carlos Andrés; China y Estados Unidos frente a América latina; Fundação Joaquim Nabuco; Horizontes LatinoAmericanos; 1; 2; 6-2014; 65-78

HE, B.; YANG, G. Analysis of American *Think tanks*' Views on China-US Chip Competition and Its Enlightenment. Scientific Information Research, 2024.

HIMMELSTEIN, J. To the right: the transformation of American conservatism. Berkeley: University of California Press, 1990

LIPTON, E.; WILLIAMS, B.; CONFESSORE, N. Foreign Powers Buy Influence at *Think tanks*. The New York Times, 7 set. 2014.

MENDES, V. da R.; PERONI, V. M. V. Estado, mercado e formas de privatização: a influência dos *think tanks* na política educacional brasileira. Revista Espaço Pedagógico, *[S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 65-88, 2020. DOI: 10.5335/rep.v27i1.10575. Disponível em**:** https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/10575. Acesso em: 24 out. 2024.

MCGANN, J. G. *Think tanks* and the Transnationalization of Foreign Policy. Connections The Quarterly Journal, v. 2, n. 1, 1 jan. 2003.

MCGANN, J. G.; R KENT WEAVER. *Think tanks* & civil societies : catalysts for ideas and action. New Brunswick, N.J. (U.S.A.): Transaction Publishers, 2002.

MCGANN, J. G.; R. KENT WEAVER *Think tanks* and Civil Societies in a Time of Change in: MCGANN, J. G.; R. KENT WEAVER *Think tanks* & civil societies : catalysts for ideas and action. New Brunswick, N.J. (U.S.A.): Transaction Publishers, 2002. p. 1-36

MEDVETZ, T. *Think tanks* in America. Chicago ; London: The University Of Chicago Press, , Cop, 2014.

NOLTE, Detlef. The Dragon in the Backyard: US Visions of China's Relations toward Latin America. **Pap.polit.**, Bogotá , v. 18, n. 2, p. 587-598, Dec. 2013 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-44092013000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2024.

PASSOS, R. Robert W. Cox e a hegemonia: uma análise preliminar da conjuntura internacional de 2022. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2022/rodrigo-passos.pdf>.

PEREIRA, R. C.; GARCIA, A. A teoria crítica de Robert W. Cox como método para uma análise das relações entre China e América Latina. Oikos, v. 20, n. 2, 6 out. 2021, p. 184-201

REGADAS, V. A crise da ciência política behavioralista e a emergência dos *think tanks* nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.academia.edu/44740100/A_crise_da_ci%C3%AAncia_pol%C3%ADtica_behavioralista_e_a_emerg%C3%AAncia_dos_think_tanks_nos_Estados_Unidos?sm=b>. Acesso em: 8 nov. 2024.

REGADAS, V. *Think tanks* nos Estados Unidos e teoria crítica do Estado. Espacio Abierto, v. 24, n. 2, p. 275–296, 2015.

SAMAAN, J.-L. The RAND Corporation (1989-2009) : the reconfiguration of strategic studies in the United States. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

SANTINO, S. The United States and China in the Era of Global Transformations. [s.l.] Policy Press, 2023.

SANTORO, M. Os *Think tanks* e sua influência na política externa dos EUA: a arte de pensar o impensável. Contexto Internacional, v. 30, n. 3, p. 777–783, dez. 2008.

SERBIN, A. Latin America-China Relations: A Review of Recent Literature (2010-2020). SSRN Electronic Journal, 2022.

SCHULMAN, B. J.; ZELIZER, J. E. Rightward bound : making America conservative in the 1970s. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2008.

STONE, D. Capturing the political imagination : *think tanks* and the policy process. London ; Portland, Or.: Frank Cass, 1996.

SVARTMAN, E. M. Os *think tanks* dos Estados Unidos e a produção de ideias sobre o Brasil como país emergente, 2000-2016. Opinião Pública, v. 27, n. 3, p. 997–1023, dez. 2021.

TATIANA, T. A imagem dos *think tanks* americanos sobre o Brasil nos governos Lula 1 e 2: homogeneidade e baixa representatividade do país sobre si mesmo in:

MAGNOTTA, F. P. Uma parceria bicentenária: passado, presente e futuro das relações Brasil-Estados Unidos. Fundação alexandre de Gusmão, Brasília: 2024, p. 153-180

TRUITT, N. S *Think tanks* in Latin America in: MCGANN, J. G.; R. KENT WEAVER *Think tanks* & civil societies : catalysts for ideas and action. New Brunswick, N.J. (U.S.A.): Transaction Publishers, 2002. p. 529-550.

VIDAL, C. F.; WIETCHIKOSKI, L. Revisitando os *think tanks* na ascensão do conservadorismo estadunidense: American Enterprise Institute e Heritage Foundation. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 54, 1 jan. 2019.

WIETCHIKOSKI, L. A atuação internacional do Brasil no Século XXI : as visões dos principais *think tanks* estadunidenses (2003-2016). lume.ufrgs.br, 2018.